



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A “GENITÁLIA DESNUDA” DA PARAÍSO DO TUIUTI:
A PRESENÇA INCESSANTE DA PRINCESA DE BATERIA
MAYARA LIMA NOS JORNAIS EXTRA E O GLOBO NO
CARNAVAL 2022**

JOÃO VITOR COSTA BRITO

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A “GENITÁLIA DESNUDA” DA PARAÍSO DO TUIUTI:
A PRESENÇA INCESSANTE DA PRINCESA DE BATERIA
MAYARA LIMA NOS JORNAIS EXTRA E O GLOBO NO
CARNAVAL 2022**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Jornalismo.

JOÃO VITOR COSTA BRITO

Orientador(a): Micael Maiolino Herschmann

Rio de Janeiro
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

C862" COSTA BRITO, JOÃO VITOR
A "genitália desnuda" da Paraíso do Tuiuti:
a presença incessante da princesa de bateria
Mayara Lima nos jornais Extra e O Globo no
carnaval 2022 / JOÃO VITOR COSTA BRITO. -- Rio
de Janeiro, 2022.
67 f.

Orientador: MICAEL MAIOLINO HERSCHMANN.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2022.

1. CARNAVAL. 2. ESCOLAS DE SAMBA. 3.
GENITÁLIA DESNUDA. 4. VALOR-NOTÍCIA. I.
MAIOLINO HERSCHMANN, MICAEL, orient. II.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Em 7 de dezembro de 2022 realizou-se a sessão pública de defesa do Projeto Experimental do curso de JORNALISMO do aluno João Vitor Costa Brito, DRE nº 119054889, intitulado “A ‘genitália desnuda’ da Paraíso do Tuiuti: a presença incessante da princesa de bateria Mayara Lima nos jornais Extra e O Globo no carnaval 2022”.

A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes **professores**:

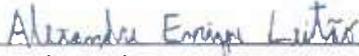
Examinador 1: Prof. Dr. Alexandre Enrique Leitão

Examinador 2: Prof^a. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Orientador: Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann

Avaliado o trabalho, os membros da Banca atribuíram grau 9,5 ao Projeto Experimental do aluno(a). Nada mais havendo a observar, fica lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos professores membros da Banca e pela aluna.

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 2022.



Prof. Dr. Alexandre Enrique Leitão

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIALVA CARLOS BARBOSA
Data: 16/12/2022 19:50:46-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof^a. Dr^a. Marialva Carlos Barbosa

Documento assinado digitalmente
gov.br MICAEL MAIOLINO HERSCHMANN
Data: 10/12/2022 17:39:29-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann



João Vitor Costa Brito

Aos familiares e amigos que jamais pularam fora desse barco; também a todos que a carreira acadêmica se confunde com o tempo do percurso até a universidade, como a minha relação nos tempos presenciais com os ônibus do 457: nós conseguimos.

AGRADECIMENTOS

As perspectivas sobre a vida dependem muito do recorte adotado por quem olha. Se for para levar em conta aquele menino que gostava de ônibus e de olhar a rua em que morava, especialmente no dia de São Jorge, quando o bairro de Quintino mais parecia o centro do mundo, o João Vitor que escreve este trabalho é o mesmo.

Mas se for para olhar para aquele cheio de medos e incertezas, que não precisava sair do bairro em que morava nem para ir para a escola, essa perspectiva está bem diferente. A cidade se ampliou e, o que antes se resumia a um ou dois bairros, passou a abranger Madureira, depois a Urca (campus Praia Vermelha) e, por último, o Centro do Rio. Tudo começava a dar certo conforme me sentia pertencente a algum lugar. Seja aos batuques e *conversas* de corredor no colégio; seja por debater qualquer coisa sobre o Zeca Pagodinho, o Subúrbio carioca ou alguma *fofoca*; e até a, pela primeira vez na vida, poder sentir que aquilo que eu fazia desde criança — de ter a curiosidade de ir ao portão “*apurar*” tudo que acontecia, como por exemplo em dias de chuva — agora faz parte da profissão que escolhi. Só que em vez de o portão de casa, o mapa abrange todo o Rio de Janeiro, como funcionário dos jornais O Globo e Extra.

Reparem que todos esses momentos, inclusive o ponto de partida para que esse TCC nascesse — o dia em que a matéria da genitália da princesa do Tuiuti ultrapassou as leituras do Elon Musk — estão baseados no *bate papo*. Até as conversas fiadas são edificantes.

E se hoje a minha personalidade falante e contadora de histórias permite espaço também para mais confiança, segurança e disposição para conhecer coisas novas, mesmo que ainda diante do medo, não tenho dúvidas que devo isso aos meus familiares e amigos. E isso vem não apenas do incentivo e parceria, mas também de absorver coisas pelo convívio.

Só de família, posso elencar uma mistura de fatores: os almoços diários na casa da minha dinda Fatima; ouvir e aprender a contar histórias com minha avó Déa e meu avô Carlinho; decorar as falas da minha avó Lúcia como se fossem bordões; a aparência e preocupações iguais às do meu pai Julio; o olhar mais sensível para as coisas do mundo como o da minha mãe Luciana; e até as escolhas para o time do meu irmão Pedro, mesmo sendo eu um sedentário ruim de bola. É amor.

E depois da Covid-19, a mesma que adiou o carnaval, por aqui vivemos um susto: as sequelas no pulmão conviveram bastante com o meu dia a dia, mas a vontade de viver só aumentou desde então. O porto-seguro, naquele momento composto por Jamile, Aninha, Guília e Gabriel, cresceu. E os conselhos, apoios morais e tentativas de rolés também tiveram participação de Bruna, Vinícius, Roberta, Galante e, é claro, das metrômigas.

No convívio da redação, das madrugadas de carnaval, ou manhãs e tardes intensas, conheci pessoas que tornaram tudo mais fácil.

Não menos importante, na força para aguentar até aqui e a reunir sabedoria, São Jorge, Nanã Buruquê, André e Benedita.

A todos, o sentimento é só um: muita gratidão.

Entre a repressão e a grana, prefiro a quizomba de Momo, que, dentre outras coisas, guarda sentidos bem mais profundos, como aqueles que se situam no campo da cultura e são como o feixe de luz que entra pela brecha da porta que alguém tenta fechar, desvirtuando o breu. O carnaval é uma experiência de invenção constante, precária e sublime, da vida dos brasileiros. O Brasil, afinal, é a nossa circunstância bonita, heroica, fracassada, maldita, amorosa, desgraçada, desesperadora e incontornável, feito o baticum do samba tomando a rua

(Luiz Antonio Simas¹)

¹ SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BRITO, João Vitor Costa. A “**genitália desnuda**” da Paraíso do Tuiuti: a presença incessante da princesa de bateria Mayara Lima nos jornais Extra e O Globo no carnaval 2022. Orientador: Micael Maiolino Herschmann. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

A então princesa de bateria da Paraíso do Tuiuti alcançou milhões de pessoas ao compartilhar, por meio de sua conta no Instagram, um vídeo em que demonstrava ter samba no pé e entrosamento com os ritmistas da agremiação que defenderia naquele carnaval. Além de polêmicas sobre quem deveria ser a dona da coroa de rainha, que em 2022 foi Thay Magalhães, Mayara Lima teve problemas na fantasia no dia do desfile. Após seu tapa-sexo arrebeitar em frente ao primeiro módulo de jurados, ganhou espaço no noticiário dos jornais O Globo e Extra — em seus sites e páginas das edições impressas — até que a apuração terminasse. Além do apego ao que determina o regulamento, e, desta forma, justificava a preocupação com uma possível penalização em pontos, o trabalho percorre os critérios de noticiabilidade que guiam o jornalismo popular, seja para atrair cliques ou vendas de tablóides.

Palavras-chave: carnaval; escolas de samba; genitália desnuda; valor-notícia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 FESTA, TRANSGRESSÃO E CONTROLE	5
2.1 A cultura popular	6
2.2 As instituições	8
2.2.1 A Igreja	8
2.2.2 O Estado, a imprensa e o povo	9
3 OS DESFILES NA SAPUCAÍ	15
3.1 A Praça Onze	15
3.2 O Sambódromo e a Liesa	19
3.3 O povo, a tradição e a mercantilização	23
3.4 Regras do desfile	27
4 A PRINCESA DE BATERIA	32
4.1 O desfile e a nudez	36
4.2 Presença incessante nos jornais	39
5 CONCLUSÃO	48
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
7 APÊNDICE	52

1 INTRODUÇÃO

Um dito popular dá conta de que o ano inicia, de fato, quando findado o carnaval. Pois então, durante um longo período de tempo, a realidade foi de ter faltado esse ponto de partida para a vida seguir tranquilamente: a festa que marca a renovação foi adiada e até cancelada.

Em um cenário pandêmico, o Sábado das Campeãs de 29 de fevereiro de 2020 foi o último desfile na Marquês de Sapucaí, que serviu até de ponto de vacinação para a Covid-19, até que se chegasse ao carnaval de 2022, que aconteceu fora de época, em abril.

O retorno ao Sambódromo era repleto de expectativas e, aos poucos, ele foi se tornando mais palpável. As próprias escolhas de samba, até então vividas apenas dentro das quadras das escolas de samba, foi para a televisão e já, antes da virada do ano, apresentava ao espectador os rostos de quem brilharia naquela edição atípica do maior espetáculo da Terra.

Mayara Barros, ou melhor, a princesa de bateria Mayara Lima, da Paraíso do Tuiuti, chegou a ser confundida na exibição da escolha do samba que, além de não utilizar o nome artístico, ainda creditou Mayara como “Mariana Ribeiro”, passista da agremiação.

No entanto, a notoriedade aumentou conforme se chegava o grande dia. Às vésperas do ensaio técnico em que se apresentaria na Avenida, Mayara Lima viralizou: em um vídeo de um minuto gravado na própria Sapucaí, a princesa de bateria demonstrou ter gingado, samba no pé, e sincronia com os ritmistas da escola de samba aos quais ela estaria à frente. O sucesso foi estrondoso, ultrapassando a marca das 20 milhões de visualizações.

Esse sucesso em si já seria o suficiente para motivar que o nome do pré-carnaval tivesse para si os holofotes no dia do desfile. E para ampliar a lista de motivos que atraíssem a atenção para a apresentação, uma polêmica também estava no ar: a comunidade do Tuiuti, em São Cristóvão, queria que Mayara alcançasse a titulação máxima do reinado e fosse coroada rainha, mesmo que para isso a atual ocupante da posição, Thay Magalhães, tivesse que deixar o posto.

A cereja do bolo viria no dia da apresentação. Em vez de brigas ou qualquer polêmica esperada, rainha e princesa teriam feito um desfile pacífico, se não fossem as suas fantasias. O biquíni de Thay Magalhães arrebentou no início do desfile, bem como o tapa-sexo de Mayara Lima. Sendo este um ato passível de punição à escola, já que o regulamento condena que a genitália fique à mostra no desfile.

Estava iniciado um assunto que fez sucesso entre os leitores, o que requisitou mais e

mais matérias sobre o assunto. A cobertura incessante nas páginas — de jornal e da web — dos jornais O Globo e Extra só findou após a apuração, quando novamente Mayara foi motivo de um recurso da São Clemente, escola rebaixada nesse carnaval, para tentar tirar pontos da concorrente.

Se o ponto de partida do ano depende do carnaval, o despertar para o tema, que culminou neste trabalho de conclusão de curso, foi o prédio da Redação Integrada dos jornais O Globo e Extra, mais especificamente a bancada da Editoria Rio, no 3º andar do imóvel.

Este jovem jornalista, então em seu primeiro estágio, vivia pela primeira vez a cobertura voltada ao que acontecia no Sambódromo. Depois de participar da cobertura nas noites de desfile, imagine qual não foi a surpresa ao ouvir um “A genitália desnuda acaba de ultrapassar o Elon Musk”. Nesse andar, alguns televisores mostram em tempo real o desempenho das matérias nos sites. E, em um momento que o homem mais rico do mundo anunciava a compra do Twitter, os cliques sobre uma das matérias da genitália desnuda da princesa de bateria Mayara Lima, da Paraíso do Tuiuti, superaram os do fenômeno mundial.

A voz que pronunciou a frase dita acima era a de Flavio Trindade, repórter que foi para a Avenida, credenciado, para presenciar e elaborar a maioria das matérias sobre o tema. Para entender como o olhar dele encontrou a notícia, justificar como o assunto rendeu e o que foi necessário para torná-lo um destaque de *pageviews*, este trabalho trará uma entrevista com o jornalista. O diálogo permitirá que, também a partir da personalidade de Flavio e da sua carreira em outros veículos, entenda-se como chegou-se à genitália desnuda da princesa.

Este trabalho se dividirá em três capítulos, que permitirão que se chegue ao desfile de abril de 2022 passando pelas origens não só dos desfiles das escolas de samba, das próprias escolas, mas também da festa em si.

Primeiramente, as relações entre as instituições, o controle da festa e o povo estarão em análise, a partir de uma perspectiva histórica e socioantropológica, de forma a mostrar como, desde os primórdios da sociedade, os festejos carnavalescos estiveram ligados às instituições, que, de alguma maneira, os reprimia ou se utilizavam deles a seu favor. O povo, por outro lado, tinha nos festejos carnavalescos talvez o único momento em que pudesse se equiparar a um “superior”.

A Igreja, a mesma que séculos depois impediu a aparição do Cristo Mendigo de Joãozinho Trinta, e o Estado, que encampou o campo da cultura na Era Vargas para estabelecer uma “identidade nacional”, não aparecerão neste trabalho como atores únicos. A imprensa aparecerá como instituição que se utilizou do carnaval.

Mas se o povo, por essa narrativa, parece ter sido submisso a todos esses atos, aparecerá, no entanto, como parte interessada e estrategista para, mesmo que fundida a uma outra cultura, resistisse com seus costumes e pudesse ganhar notoriedade numa sociedade que apenas os reprimia.

É neste cenário que aparecerá o surgimento das escolas de samba, em um paradoxo, que aqueles que tanto precisam aprender com a cultura dominante, assumem o papel de detentores do conhecimento. É tudo uma negociação.

Em seguida, a origem do samba, em berços como o da Praça Onze e o quintal de Tia Ciata, estarão em destaque, de modo a compreender a maneira como esse fato se deu, desde a resistência de modos e costumes até a permanência na região central, mesmo após a política do “Bota abaixo”.

Anos depois, este mesmo espaço aparecerá como palco dos desfiles das escolas de samba, onde hoje situam-se a avenida Presidente Vargas e a rua Marquês de Sapucaí .

Os locais de desfile, principalmente a avenida Rio Branco, ajudarão a contar como as tradições surgiram, como por exemplo o dia mais importante do carnaval ter deixado de ser a “Terça-feira Gorda” para o domingo.

E além de um lugar para se apresentar, as escolas de samba precisam respeitar regras de um regulamento. Esse ponto de partida permitirá, mais à frente, que possamos nos debruçar sobre a apresentação de Mayara Lima e os fatores que fizeram o arrebentar da fantasia ter se tornado polêmico.

Esse espaço aparecerá com o preâmbulo de ser também o palco do jogo do bicho, que vê no mecenato das escolas de samba a chance de obterem prestígio perante a sociedade e aparecerem nas páginas dos jornais. Por outro lado, as escolas aparecem como instituições ligadas às suas raízes, de maneira a, até no nome das agremiações, fazerem referência ao lugar de origem.

No entanto, essas agremiações aparecerão, nesse momento, como em transformação. Se os seus primórdios, e até as suas quadras, têm ligações com o povo daquele lugar, predominantemente pobre e preto, as escolas de samba aparecerão como fenômenos em mudança. Desde a midiaticização à maneira como os compositores trabalham, construiremos, a partir até de críticas metalinguísticas que desfilaram na Sapucaí, o cenário que justifique os versos de 1982 dos compositores Aluisio Machado e Beto Sem Braço, que embalaram o Império Serrano com o seu “Bum bum paticumbum prugurundum”: era uma crítica às

“superescolas de samba S/A”.

Desta forma, também abordaremos como a rua, espaço que se transforma durante o carnaval e, não deixa de ser, onde acontecem os desfiles, guarda os lugares menos privilegiados: ou é no Setor 1, localizado antes do começo do desfile, ou até no Setor 0, que tem um mangue como barreira para a concentração das escolas. É o mesmo cenário em que a televisão surgirá como transmissora dessa folia.

Este meio de comunicação, no entanto, também será o mesmo que excluirá de seus script o problema com as fantasias da Corte da Paraíso do Tuiuti e, dessa forma, valorizará a presença de uma equipe própria, in loco, dos jornais O Globo e Extra, de modo a captar e testemunhar acontecimentos que se transformem em notícia.

A nudez de Mayara Lima aparecerá, no entanto, não como uma perspectiva moralista, mas a partir de uma análise do julgamento e de critérios de noticiabilidade, que ajudam a explicar como a princesa da Tuiuti não deixou de ser notícia.

Jornalisticamente, a partir de perspectivas do que é o jornalismo popular, e de conceitos como os de “histor”, “jornalismo de sensações” e “valores-notícia”, justificaremos o fenômeno da genitália desnuda.

Pelo histórico, por outro lado, outros casos de genitália desnuda aparecerão como preâmbulo causador de todas as regras que rondavam Mayara Lima no desfile da Tuiuti, na noite do dia de São Jorge, comemorado em 23 de abril, deste ano: nomes como os de Jorge Lafond (Vera Verão) e de Enoli Lara ajudarão a contar como o regulamento foi se alterando conforme as “partes” ficavam à mostra diante das câmeras. Passaram a ser proibidas não só completamente à mostra, como também as que davam o ar da graça pintadas ou enfeitadas.

Por fim, ao traçar as consequências desse carnaval passado, também poderemos ilustrar a tese de que o carnaval está sempre um ano à frente do ano corrente, de modo a, ao terminar um desfile, já estar se pensando na próxima apresentação, a partir de trocas, promoções e substituições.

2 FESTA, TRANSGRESSÃO E CONTROLE

No ano de 1989, o Sambódromo da rua Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, foi palco do mais impactante desfile da história do carnaval (SIMAS; FABATO, 2015, p.146). Criticado pela pujança das apresentações que levava para a Avenida em anos anteriores, que acabavam não resultando em título para a Beija-Flor de Nilópolis, o carnavalesco Joãosinho Trinta apresentou “Ratos e Urubus... Larguem minha fantasia”, enredo em que falava sobre o lixo em diversos setores da sociedade e “era ilustrado com fantasias rasgadas, restos de outros carnavais e objetos (cenográficos ou não) jogados fora” (MELLO, 2018, p.120).

Só que entre as escolhas alegóricas de Joãosinho — detentor de nove títulos do Grupo Especial carioca, sendo cinco deles pela escola da Baixada Fluminense — uma alegoria gerou um embate com a Igreja:

Antes do desfile, uma polêmica: a ideia de João era fazer um grande banquete de desvalidos aos pés de uma gigantesca representação do Cristo Redentor. *A Arquidiocese do Rio chiou*. No sábado de carnaval, um oficial de justiça levou ao barracão uma liminar, assinada pelo juiz Carlos Davidson de Meneses Ferrari, da 15ª Vara Cível do Rio, que por ação da Cúria Metropolitana, proibia a apresentação da imagem. Foi quando surgiu a ideia de cobri-la e colocar uma inscrição que ficaria eternizada: “Mesmo proibido, olhai por nós!” (SIMAS; FABATO, 2015, p.144, grifos nossos)

Nos dias que precediam a leitura das notas na apuração, marcada para a Quarta-Feira de Cinzas no ginásio do Maracanãzinho, a Beija-Flor levou o Estandarte de Ouro, premiação do jornal O Globo, considerada o “Oscar do sambista”. O prêmio foi criado em 1972 e visa enaltecer a renovação, a criatividade e a emoção dos desfiles. Na edição de 2022, completou 50 edições². Sem notas e com a eleição feita por um júri especializado, atualmente é uma premiação conjunta dos jornais O Globo e Extra, ambos da Editora Globo, sendo este mais jovem, fundado em 1998³.

À época, o periódico estampou como manchete o título: “Beija-Flor dá show e leva 4 estandartes”⁴. Ainda na capa, destacava-se o “apoteótico desfile” que “agradou também aos experts” (jurados do prêmio): isso garantiu à Beija-Flor o Estandarte como melhor escola, melhor enredo, mestre-sala e de personalidade, com Joãosinho Trinta. “Inovou, conquistou o

² Sobre as 50 edições, ler: LIMA, L. Renovado, o Estandarte de Ouro completa 50 edições no ano da volta do desfile das escolas na Sapucaí. **Extra**, 17 abr. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/carnaval/renovado-estandarte-de-ouro-completa-50-edicoes-no-ano-da-volta-do-desfile-das-escolas-na-sapucaai-25477569.html>>. Acesso em 5 nov. 2022.

³ *Ibidem*.

⁴ BEIJA-FLOR dá show e leva 4 estandartes. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano LXIV, nº20.167, 8 fev. 1989, p.1.

público e mostrou que há lugar para um novo carnaval, em que entram originalidade, bom humor e irreverência”, explicava o lide⁵.

Mesmo “muito aplaudida pelo público”⁶, a euforia durante e depois da passagem pela Sapucaí foram a tônica da Beija-Flor após a apresentação⁷, ficou faltando apenas o título. Igualada em pontos com a Imperatriz Leopoldinense, a Beija-Flor amargou a vice-colocação quando os critérios de desempate foram colocados na mesa. Precisou-se fazer a recuperação das notas de descarte, em que a Beija-Flor amargava notas 9 nos quesitos Bateria, Evolução e Conjunto (MELLO, 2018, p.123), enquanto a agremiação de Ramos gabaritou de ponta a ponta, com notas 10 que garantiram o título.

A apresentação considerada por Luiz Antonio Simas e Fábio Fabato como “a mais revolucionária obra em matéria de desfile de escola de samba” (2015, p. 140), foi descrita pelo jornalista Marcelo de Mello (2018, p. 122) como um “desfile jornalístico”, pela relação com a atualidade. E esse elo com o momento histórico também pôde se dar com a proibição da Arquidiocese do Rio, que “lembrava a censura que o país (e a imprensa) mal acabara de deixar para trás” (MELLO, 2018, p.122).

Se a intervenção da Igreja nesse desfile demonstra certo distanciamento — ou pelo menos tentativa de tê-lo —, o carnaval dava sinais de que o diálogo com a instituição faz parte da festa. Seja com relações mais próximas ou mais distantes, este capítulo se debruçará sobre essas ligações, não só com a Igreja, mas também com o Estado. Ora utilizando os festejos para se afirmarem, ora repreendendo; ora estando misturados, ora bem distante: o carnaval sempre — dos primórdios da sociedade, passando pela Era Medieval e chegando à contemporaneidade — esteve no mesmo campo que as instituições.

2.1 A cultura popular

O filósofo russo Mikhail Bakhtin (2010) se utiliza do pensador Rabelais para dissertar

⁵ BEIJA-FLOR dá show e leva 4 estandartes. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano LXIV, nº20.167, 8 fev. 1989, p.1.

⁶ BEIJA-FLOR conquista quatro troféus. Caderno de Carnaval *In*: **O Globo**, Rio de Janeiro, ano LXIV, nº20.167, 8 fev. 1989.

⁷ Ao longo deste trabalho, trataremos também da cobertura jornalística dos desfiles das escolas de samba, com importância dada para a personalidade do repórter responsável por decidir o que é ou não notícia. Flavio Trindade, credenciado para o carnaval 2022 pelos jornais O Globo e Extra, contou, em entrevista ao autor, que suas primeiras memórias do carnaval são do chamado “Setor 0”, que é, na verdade, onde os torcedores acompanham gratuitamente o desfile, vendo apenas a concentração das escolas na esquina entre a avenida Presidente Vargas e a rua Marquês de Sapucaí. Mesmo deste lugar com visão pouco privilegiada do que realmente ocorre na Avenida, Flavio Trindade aponta essa apresentação da Beija-Flor, em 1989, como definidora para que se tornasse torcedor da agremiação de Nilópolis. (Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 10 de novembro de 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A).

sobre a cultura popular na Idade Média e no Renascimento, sendo este um escritor ligado às fontes populares: considerado o “mais democrático dos modernos mestres da literatura” (BAKHTIN, 2010, p.2).

Em um período em que se desconhecia uma sociedade dividida em classes ou a existência de um Estado, Mikhail Bakhtin (2010, p.5) aponta que tanto os aspectos considerados sérios, como também os cômicos estavam em uma relação de igualdade, em que ambos eram considerados igualmente sagrados e oficiais.

Com o advento de classes e Estado, torna-se impossível equiparar esses aspectos e, desta maneira, as formas cômicas adquirem um caráter não-oficial (BAKHTIN, 2010, p.5). E as manifestações dessa cultura popular seriam, segundo o autor, as formas dos ritos e espetáculos — representada pelos festejos carnavalescos e obras cômicas representadas em praça pública —; pelas obras cômicas verbais, orais e escritas, em latim ou em língua vulgar; e formas e gêneros o vocabulário familiar e grosseiro, mesmo os insultos, juramentos e os chamados blasões populares (BAKHTIN, 2010, p.3).

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações — as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões, os tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. — possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível (BAKHTIN, 2010, p.4, grifos nossos)

Mikhail Bakhtin chama de “segundo mundo” ou de “dualidade do mundo” (2010, p.5) os efeitos dessa festa na vida estratificada dessas sociedades. O autor faz uma comparação baseada no mundo Feudal: as festas oficiais não conseguiam criar a pretensa segunda vida, e também serviam de mecanismo para fazer a manutenção da ordem social vigente. Com um olhar voltado ao passado, as festas oficiais consagraram a estrutura presente. Já o carnaval poderia ser visto como “trunfo”, em que todos eram vistos como iguais, com abolição, ao menos temporária, das relações hierárquicas. Era uma visão voltada para o futuro, de renovações e alternâncias (BAKHTIN, 2010, p.8-9).

“A festa é propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos da Idade Média” (BAKHTIN, 2010, p.7): até as festas religiosas possuíam certo caráter cômico popular, mantendo certa “lei” de que nenhuma festa mantinha-se sem a intervenção de uma organização cômica.

A cultura carnavalesca, “una e indivisível” (BAKHTIN, 2010, p.4), com lei própria —

a da liberdade (p.6) — correu risco de ser abalada. Entre os séculos XVII e XVIII, passou por um processo de redução, ou seja, um enfraquecimento das formas dos ritos e espetáculos carnavalescos populares. E isso se deu a partir do que Mikhail Bakhtin chamou de “estatização da vida festiva”, com a festa sendo incorporada ao cotidiano e, desta forma, perdendo o caráter público, passando para a vida privada. Passa a ser vista como “simples humor festivo” toda a visão universalista, ousada, de caráter utópico e voltado para o futuro. Mesmo assim, o autor ressalta: o princípio da festa popular do carnaval é indestrutível. Embora reduzido e debilitado, ele ainda continua a fecundar diversos domínios da vida e da cultura (BAKHTIN, 2010, p.30).

2.2 As instituições

Se conforme aponta Bakhtin (2010) todas as festas estariam ligadas, de alguma maneira, ao caráter cômico, inclusive as de natureza religiosa, e, por outro lado, o carnaval seria um período “sem lei”, percorremos neste capítulo um recorte que demonstra as relações entre a Igreja, o Estado e a festa, e como isso se deu, na prática, na vida das pessoas: sambistas, foliões e a sociedade como um todo.

2.2.1 A Igreja

Se a Igreja tem suas relações com a festa, do ponto de vista da maneira “como” ela acontece, o “quando” também está conectado à instituição católica.

Primeiramente, quanto aos “dois rituais de maior duração no Brasil”, o sociólogo Roberto DaMatta (1997, p.53) destaca que o “dia da pátria” está ligado a um rito histórico, enquanto o carnaval tem relação direta com o calendário romano, realizado antes da “aparição de Cristo entre os homens”. Isso reforça um chamado “elo exterior” existente entre as formas da cultura popular com as festas religiosas. Bakhtin (2010, p.7) sinaliza que, mesmo sem estar relacionado à história sagrada e, muito menos, ter ligação com dias de santo, o carnaval é realizado nos dias que precedem a Quaresma.

Ao comparar três rituais nacionais brasileiros, Roberto DaMatta elenca que cada momento festivo faz referência a um grupo específico, que, com essas datas, tem seu lugar garantido. Destarte, enquanto o “dia da pátria” (Sete de Setembro) está diretamente ligado ao Estado e a semana santa à Igreja Católica, o carnaval é das massas (DAMATTA, 1997, p.53).

2.2.2 O Estado, a imprensa e o povo

Fazendo um recorte pelo caso brasileiro, o governo de Getúlio Vargas é muitas vezes referido como sendo o responsável por mudanças referentes ao tratamento às camadas populares, muito a partir de como lidou com a festa e sua valorização. Mas antes de entrar nessa seara, é importante salientar que nenhuma mudança vem de graça. Tudo é oriundo de um processo de negociações.

Contextualizando a historiografia do Brasil, o pesquisador e jornalista Eduardo Granja Coutinho (2006, p.25) destaca que, a partir da Abolição da escravatura, as maneiras de dominação social tiveram mudanças, com o desenvolvimento das relações capitalistas e o fortalecimento da sociedade civil.

Muniz Sodré (1998, p.13) acrescenta, porém, que esse momento histórico trouxe, além de dificuldades financeiras, “imensos problemas psicossociais” ao negro brasileiro, já que não era possível uma vida rural autosuficiente: essas pessoas passaram a ser mão de obra de “eterna disponibilidade”, em um processo de marginalização que perdura até hoje.

No final do século XIX, já era possível perceber que havia exclusão por conta da cor de pele, que podia ser vista (ou não) em instituições, como a escola e as fábricas. A “desqualificação”, aponta Sodré (1998, p.14), não era apenas ligada a um saber técnico, mas também cultural: “os costumes, os modelos de comportamento, a religião e a própria cor da pele foram significados como *handicaps*⁸ negativos para os negros pelo processo socializante do capital industrial”.

Em meio a este cenário marginal em que as camadas menos favorecidas da sociedade eram rotuladas, aconteceu uma tentativa de promover certa integração ao “mundo oficial” com intenções de controle.

A velha estratégia de repressão física às formas carnavalescas do “populacho” foi cedendo lugar a um projeto cultural que tinha como objetivo *abafar a subversividade* latente nessas formas de folia, de maneira a integrá-las à visão de mundo oficial, reinterpretando os seus signos e descartando toda a tendência rebelde, explosiva, incontrollável. Surgia a cultura de massa, dissolvendo a clara delimitação entre a cultura das elites e a do povo, conciliando visões de mundo e assegurando, assim, o consenso ativo dos dominados. (COUTINHO, 2006, p.25, grifos nossos)

A instituição que, primeiramente, teve papel importante na mediação dessas culturas foi justamente a imprensa (COUTINHO, 2006, p.25). Até então promotora da festa

⁸ Pode ser entendido como “desvantagem”, em tradução livre.

carnavalesca, com seus concursos, a empresa jornalística “cumpriu sua missão”, segundo o autor, de estar diante das manifestações que vinham de classes consideradas “perigosas” e “depurá-las” de seus traços “ameaçadores”.

Esta foi uma maneira de negociar uma existência do carnaval de negros, mulatos e pobres numa sociedade que, mesmo após o 13 de maio de 1889, “continuava a usar a chibata para silenciar as vozes e os sons que vinham das ruas” (COUTINHO, 2006, p.25).

A imprensa, objetivando popularizar-se e conquistar um maior número de leitores, se utilizava de diversas estratégias como forma de atração, na virada para o século XX: além de charges, escândalos sensacionais e resultados do jogo do bicho, notícias relacionadas aos blocos e cordões carnavalescos ajudavam a “atingir um público significativo, vasto e heterogêneo de leitores” (BARBOSA, 2013, p.195). A “modernização” era a palavra de ordem daquele período, já que o contexto era de progresso e, o público que se fazia leitor de maneira gradual, seria alcançado por jornais baratos, repletos de ilustrações, mesclando informação e diversão, com a publicação, inclusive, de músicas e marchinhas de carnaval (BARBOSA, 2013, p.194).

E se, da visão dos dominantes, essas eram estratégias de sucesso, os, pelo menos em tese, dominados tinham estratégias para manter seus costumes. Muniz Sodré destaca que aconteceram modificações no batuque dos negros: seja para se incorporarem às festas populares brancas ou para se adaptarem à vida urbana. Mesmo assim, desde os quilombos, engenhos, plantações e até na cidade, “havia samba onde estava o negro”, numa maneira de afirmação de seu universo cultural, mesmo diante do imperativo social vigente (SODRÉ, 1998, p.12).

Durante o governo de Getúlio Vargas, o chamado Estado Novo, essa cultura ascendeu, do ponto de vista dos interesses dos governantes. O historiador Guilherme Guaral (2012, p.21) trata deste momento como existindo um “desejo” de definir uma identidade nacional.

O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) foi uma das principais maneiras de manter o controle sobre a cultura e a imprensa, como este capítulo descreve mais à frente. No entanto, é preciso lembrar que a censura não era uma novidade no Brasil.

Durante o período do Reinado, construía-se um público leitor em terras tupiniquins, de diversas maneiras, como conseguindo jornais em navios vindos da Europa. Sendo que a Colônia tinha mecanismos de censura para que não fosse produzido nenhum impresso, de mesma maneira a coibir a circulação de outros tantos: a palavra impressa tinha status de importância, vista como “veículo de conhecimento e de pensamento”, além de uma maneira de transmitir discussões políticas e religiosas, o que era visto pelo poder central como

difusora de “ideias perigosas”, segundo Marialva Barbosa (2013, p.38). De acordo com a autora, é em 1808, com a chegada da Família Real, que máquinas necessárias para implantar a Imprensa Régia chegam oficialmente ao Brasil, sendo este órgão o responsável pelo primeiro jornal impresso no país. A autora destaca, porém, que este fenômeno foi apenas “um ato que criou a possibilidade concreta de um desejo que já existia antes que a impressão fosse realizada” (BARBOSA, 2013, p.36)

Feito o preâmbulo, voltamos à Era Vargas, que durou entre 1930 e 1945. Seu início se deu após Washington Luís, então presidente do Brasil, ser deposto em 24 de outubro de 1934, além de “detido e encaminhado para o Forte de Copacabana”, de onde partiria para o exílio na Europa (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 361). Mas antes de o poder ser entregue pela “Junta Governativa Provisória”, formada por militares, a Vargas, a Revolução de 30 tornou-se um marco, de acordo com Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, pelos resultados posteriores: na economia, na política, na sociedade e na cultura.

Foi justamente em um sábado de carnaval a data marcada para para o pleito de 1930 (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 351), em que “os brasileiros que sabiam ler e escrever saíram de casa para eleger o próximo presidente da República” — número pouco expressivo, visto que apenas quem era adulto, alfabetizado e do sexo masculino, equivalente a 5,6% da população, de acordo com Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018, p.351), estavam aptos a votar —, pleito vencido por Julio Prestes, e com resultado aceito pelos adversários, incluindo Vargas. Em pleno rompimento da chamada “Política do Café com Leite”, em que os líderes de São Paulo e Minas Gerais se revezavam na presidência, Vargas — então presidente (nomenclatura que se dava ao que hoje chama-se de governador) do Rio Grande do Sul — foi lançado candidato, em uma unidade da federação em que existiam “duas décadas de velhos ressentimentos cultivados contra a distribuição desigual de poder entre as unidades da federação” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.352). Com a ideia de “romper ritual” de lançamento de candidaturas em “recinto fechado, para convidados escolhidos, seguida de um grande banquete” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 355), a campanha do gaúcho desembarcou no Rio de Janeiro querendo mobilizar o povo e ir para a praça pública.

Mesmo aceitando o resultado das urnas, em 26 de julho de 1930 o vice de Getúlio Vargas, João Pessoa, foi assassinado em Recife, com um tiro à queima-roupa, enquanto tomava chá com correligionários. Esse momento, de acordo com as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, “não se tratava de ‘crime de mando’”, mas, na verdade, um advogado, que confessou o crime, foi preso em flagrante e tinha motivações pessoais: “a polícia da Paraíba tinha varejado seu escritório, confiscando documentos e, com a anuência de

João Pessoa, mandara o material para divulgação na imprensa local” (2018, p.357). Entretanto, o crime proporcionou outros usos da história:

Contudo, nas circunstâncias do assassinato de João Pessoa também cabia farta motivação política. João Dantas era aliado do coronel José Pereira, poderoso chefe sertanejo no município de Princesa, quase na divisa entre Paraíba e Pernambuco, líder de um levante armado contra medidas adotadas por João Pessoa para enquadrar a autonomia de mando dos coronéis. A Sedição da Princesa, como ficou conhecido o levante, eclodiu em fevereiro de 1930 — cinco meses antes do assassinato de João Pessoa — e assumiu proporções surpreendentes. Comandados por João Pereira, os rebeldes ocuparam toda a região e se declararam independentes da Paraíba. Também derrotaram os sucessivos batalhões da Força Pública do estado — o nome da Polícia Militar, na época — enviados pelo presidente estadual para acabar com a sedição. Para completar, José Pereira autodenominou-se governador do “Território Livre da Princesa” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.358)

A crise até então regional, com a morte de Pessoa, tornou-se em nacional, como por exemplo a revolta civil e militar que eclodiu em 3 de outubro, movimento que culminou na deposição de Washington Luís e conseqüente poder dado ao novo presidente: Getúlio Vargas.

E assim se deu o início de um governo que, durante a administração, teria fornecido “régua e compasso” para o esforço de construção de uma “nacionalidade triunfante, sustentada, numa ponta, pela crença na autenticidade da cultura popular e, na outra, pela mistura heterogênea de elementos culturais originários de várias regiões do país”. Desta maneira, para representar que “o brasileiro nasce, portanto, onde começa a mestiçagem”, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling apontam que o que outrora era considerado desvantajoso perante a sociedade passa a ser elogio: desta forma, o turbante, o berimbau e “um mulato de voz macia”, de maneira misturada, passa a ser considerado “motivo de orgulho nacional” (2018, p.378).

Assim como foi com a *feijoada*. Originalmente uma “comida de escravos”, a combinação de feijão-preto cozido com grandes nacos de carne de porco e toucinho, adubada com couve, laranja, arroz e farinha, converteu-se em prato nacional e carregou consigo a representação simbólica da mestiçagem: o feijão-preto e o arroz branco, uma vez misturados, funcionam como a *metáfora harmoniosa de uma mestiçagem que é racial e cultural*; a couve, por seu turno, reporta ao verde das matas, e a laranja tem a cor amarelada do ouro — numa feijoada completa tudo se mistura e prontamente se transforma em matéria de nacionalidade (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.378, grifos nossos)

Nota-se com este movimento que ele acontece de forma que as classes dirigentes, para que possam dominar culturalmente, são obrigadas a reconhecer o povo como “sujeito

cultural” (COUTINHO, 2006, p.26). Engrenagem providencial para as intervenções na cultura foi o Ministério da Educação, concomitantemente ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Conforme argumenta o autor, esse era um projeto de hegemonia do Estado brasileiro comandado por Vargas, em que as autoridades assumiram a tarefa de promoção, patrocínio e direção das formas de divertimento popular.

Lilia Schwarcz e Heloisa Starling descrevem que a atuação estatal se dava por interferências em todas as instâncias culturais. O carnaval era explorado, tanto por através da organização da festa em si, até a escolha dos sambas enredo, inspirados em temas nacionais, apontam as autoras (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.376). O gênero samba é uma aposta como símbolo de uma identidade nacional.

Sendo assim, os ministros, os responsáveis pelos setores-chave da Economia e da esfera pública em geral, traçavam a meta de colocar a questão nacional na pauta do dia. os atos, as manifestações culturais, religiosas, as festas cívicas e *até os festejos carnavalescos* eram revestidos de um caráter teológico que buscava reforçar o discurso nacionalista, com o ensejo de exaltar não só nossas riquezas naturais, nossa pujança territorial, mas, sobretudo, o que tínhamos de melhor: o povo brasileiro (GUARAL, 2012, p.22, grifos nossos)

Desta maneira, além do samba como gênero musical e as agremiações carnavalescas, o teatro de revista, o cinema, pinturas, livros, a Música Popular Brasileira e o rádio foram elementos muito importantes para que o Estado conseguisse colocar em prática suas pretensões (GUARAL, 2012). Com os novos meios de comunicação e o encampamento da festa popular, Eduardo Granja Coutinho explica que, desta forma, o carnaval tornava-se efetivamente cultura de massa, ao mesmo tempo que, de acordo com o autor (2006, p.159), o Estado desfrutava de um de seus momentos “mais significativos de projeto de controle”: com intenso trabalho ideológico de cooptar as massas, além de obter o consenso dos dominados.

Com a participação popular e dos agentes culturais providencial para a eficácia dessas estratégias (GUARAL, 2012, p.24), os ranchos ganham forma das escolas de samba.

As chamadas pequenas sociedades ganhavam prestígio por meio de sua organização e disciplina, o que serviu de estratégia para que as camadas populares se colocassem para a sociedade (COUTINHO, 2006, p.81). E a maneira de deixar para trás a perseguição da polícia e a repressão foi tornar-se escolas, “submetendo-se ao poder do Estado” e da imprensa.

Isso se deu, na prática, com uma adaptação e fusão da maneira de se fazer a festa. Muniz Sodré (1998, p.36) explica que aconteceu uma “mutação ideológica”: o rancho deixava para trás suas características mais negras em detrimento de significações mais integradas à

cultura branca da sociedade, como uma maneira de se penetrar no espaço urbano.

Os então ranchos — surgidos no final do século XIX adaptados pela festa de Reis nordestina, desfilavam ritmados por pequenos grupos musicais, disciplinados e polidos, ao contrário do que eram os cordões (COUTINHO, 2006, p.62) — apesar de menos características negras, como o batuque, mantiveram estruturas, como a passeata (desfile), porta-bandeira, mestre-sala, orquestra (bateria), abrindo caminho para o surgimento das escolas de samba (SODRÉ, 1998, p.37).

Mikhail Bakhtin (2010, p.6) destaca que, mesmo que certas formas carnavalescas fossem paródias do culto religioso — ainda mais com o “princípio cômico” dos ritos do carnaval, que os libertaria de qualquer dogmatismo religioso ou eclesiástico — estariam elas ligadas às formas do espetáculo do teatro. Mas o filósofo russo ressaltava uma coisa:

No entanto, o núcleo dessa cultura, isto é, o carnaval não é de maneira alguma a forma puramente *artística* do espetáculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte. Ele se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com elementos característicos de representação. (BAKHTIN, 2010, p.6, grifo do autor)

As escolas surgiram, então como “a manifestação mais nacionalista do carnaval carioca” (COUTINHO, 2006, p.160), em um movimento que, segundo Eduardo Granja Coutinho, não deve ser considerado unilateral por parte do Estado, já que foi um processo de negociação. O autor faz uma breve linha do tempo para comprovar isso: em 1934, a recém fundada União das Escolas de Samba faz a reivindicação da oficialização dos desfiles, que entrou em vigor no ano seguinte. Em troca, os estatutos das agremiações trariam a obrigação de apresentar em seus enredos traços de nacionalismo. Eduardo Granja Coutinho conclui que a intervenção oficial é “resultado de um consenso” (COUTINHO, 2006, p.160).

3 OS DESFILES NA SAPUCAÍ

A chegada de torcedores e desfilantes ao Sambódromo do Rio de Janeiro pode ser feita — e é a forma mais recomendada⁹ — por meio dos trens da SuperVia e do MetrôRio. As estações do entorno do grande palco dos desfiles do carnaval são Central do Brasil e Praça Onze. Esta segunda traz em seu nome a lembrança de um espaço histórico do Centro do Rio e que já não existe mais. O endereço da Avenida dos Desfiles é a rua Marquês de Sapucaí, localizada na área da Praça Onze de Junho, demolida para a construção da avenida Presidente Vargas, atualmente a principal da região central da cidade, no final dos anos 1930 (GUARAL, 2012, p.63).

O nome “Praça Onze” vinha desde 1895, em uma homenagem à vitória do Almirante Barroso na Batalha do Riachuelo, substituindo o até então “Largo do Rocio Pequeno” (SODRÉ, 1998, p.16).

3.1 A Praça Onze

Muniz Sodré valoriza as praças como sendo lugares de encontro entre indivíduos diferentes, que podem se comunicar no local. O autor também observa que é lá que se torna visível a dimensão da flexibilidade das marcas do território, “graças à qual se dá a territorialização, isto é, a particularização da possibilidade de localização de um corpo” (SODRÉ, 1998, p.17).

Se esse espaço normalmente é palco de reuniões, passeios, namoros e demonstrações de habilidade sociais, também é nele que se concentraram acontecimentos importantes:

Entende-se, assim, como ex-escravos puderam usá-la como centro de convergência da população pobre dos morros de Mangueira, Estácio, Favela, favorecendo a expansão territorial de blocos e cordões carnavalescos, além de rodas de samba (SODRÉ, 1998, p.17)

A cultura negra precisava resistir às frequentes perseguições da polícia e à antipatia das autoridades brancas, de maneira que reforçasse as formas próprias de sociabilidade e padrões culturais através das instituições religiosas negras, “que atravessaram incólumes séculos de escravatura” (SODRÉ, 1998, p.14). Geograficamente, os redutos estavam

⁹ VEJA como chegar ao Sambódromo do Rio para os desfiles de carnaval. **O Globo**, 20 abr. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/veja-como-chegar-ao-sambodromo-do-rio-para-os-desfiles-de-carnaval-25481031>>. Acesso em 5 nov. 2022.

localizados na região central da cidade, no bairro da Saúde, além das regiões da Cidade Nova, no Mata-Cavalos (Riachuelo) e Lapa, conforme explica o autor.

E o momento do Brasil era o do recém findado Império para a primeira República, em que o contexto populacional foi de crescimento exponencial nas cidades: com o fim da escravidão, em 1888, o sistema de mão de obra estava desorganizado e uma das soluções encontradas foi o estímulo à imigração de estrangeiros (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.323).

Na prática, com pessoas também se dirigindo às grandes cidades oriundas de outras regiões do país, a média de crescimento populacional foi de 2,5%, com aumento nos grandes centros urbanos — 3,7% de aumento nas cidades de mais de 50 mil habitantes e de 3,1% nas cidades de mais de 100 mil habitantes —, com Rio de Janeiro como coração da República, e São Paulo a cabeça (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.326).

Nesse contexto, que as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling apontam que entendia-se como necessário “embelezar as principais cidades”, o Rio de Janeiro, que deveria ser visto como “a vitrine para os interesses estrangeiros”, viveu o período da “Regeneração”, sob o comando do presidente Rodrigues Alves (1902-1906): o engenheiro Lauro Müller foi o responsável pela reforma do porto; o médico sanitário Oswaldo Cruz estaria de frente do saneamento; e o engenheiro Pereira Passos comandaria a reforma urbana (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.327).

Na prática, inspirado no modelo do Barão de Haussmann em Paris, Pereira Passos expulsou a população pobre da região central carioca, com a destruição dos cortiços conhecidos como “cabeças de porco” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.327). Era a “ditadura do bota-abaixo”, que demoliu casas, cortiços e hotéis baratos (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.327).

Consequência dessa política foi que a comunidade da Praça Onze foi a única a escapar das ações reformistas da época, aglutinando naquele território as chamadas “forças de socialização” (SODRÉ, 1998, p.16).

Se até então o indígena era usado como símbolo do Império, a imagem da mulher como heroína foi usada como símbolo da República. No entanto, o sucesso buscado, nos moldes da França, fracassou em terras brasileiras, visto que por aqui as mulheres permaneciam em casa, com roupas que cobrissem o corpo inteiro e sem participação política (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.319).

Mas as chamadas “tias” — zeladoras de orixás — tiveram papel importantíssimo ao, no quintal de suas casas, apoiarem o início dos primeiros grupos de samba, numa região

inicialmente aglutinada na Pedra do Sal, na Gamboa, conforme aponta Muniz Sodré: os responsáveis pelos primórdios do samba foram ialorixás, babalorixás e babalaôs, com a promoção dos encontros de dança (SODRÉ, 1998, p.14). Uma dessas residências era a de Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, localizada na Praça Onze, local onde, inclusive, nasceu “Pelo Telefone”, considerado o samba que lançou ao mercado fonográfico o novo gênero musical: o primeiro samba gravado teve os seus músicos “recrutados” entre os frequentadores do local, como Donga, João da Baiana, Pixinguinha, Sinhô, Caninha e Heitor dos Prazeres, entre outros (SODRÉ, 1998, p.16).

Esse momento era herança do que Marialva Barbosa chama do “burburinho incessante” da cidade, em que se ouviam gritos da dor do açoite, ao mesmo tempo em que cantos, danças e batuques se somavam à cena pública, a partir da descrição de Dierick Ruiters (RUITERS, 2000, p.41 apud BARBOSA, 2013, p.20). Conforme argumenta a autora, a população constituída até então por escravos se destacava por seus versos improvisados, a partir de sua competência musical: em uma sociedade de oralidades, era através das “artes da memória” que se guardavam imagens do passado nas “gavetas das memórias” (BARBOSA, 2013, p.20).

Muniz Sodré destaca que foi a partir da casa de Tia Ciata que o samba ganhou as ruas:

A casa de Tia Ciata, *babalaô-mirim* respeitada, simboliza toda estratégia de resistência musical à cortina de marginalização erguida contra o negro em seguida à Abolição. A habitação — segundo depoimentos de seus velhos frequentadores — tinha seis cômodos, um corredor e um terreiro (quintal). Na sala de visitas, realizavam-se bailes (polcas, lundus, etc.); na parte dos fundos, samba de partido-alto ou samba-raiado; no terreiro, batucada (SODRÉ, 1998, p.15, grifo do autor)

Essa mesma região foi berço do nascimento das escolas de samba. No Estácio, a Deixa Falar, broto que viria a se tornar o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estácio de Sá, seria a primeira escola de samba, a partir do grupo capitaneado por Ismael Silva: denominava-se “escola de samba” pois, ali em seus encontros, em frente à Escola Normal, “eles eram os mestres e os demais compositores das comunidades participantes do Carnaval deveriam aprender com aquele grupo como se dava a arte de ‘fazer’ samba” (GUARAL, 2012, p.58).

A Praça Onze, a partir do espaço de socialização no entorno da casa de Tia Ciata, tornou-se “ponto de convergência” dos moradores pobres dos morros de Mangueira, Estácio e Favela, favorecendo a expansão dos blocos carnavalescos (SODRÉ, 1998, p.17). Maria Laura Cavalcanti (1994, p.23) enumera que, além da Deixa Falar, outras agremiações surgiram dos

blocos locais: Cartola e seus companheiros formam a Estação Primeira de Mangueira, assim como Paulo da Portela e Antônio Rufino — organizadores do bloco Pioneiros de Oswaldo Cruz — formam a Vai como Pode em 1932, escola que depois passou a ser conhecida como Portela, a maior campeã¹⁰ da história do carnaval carioca, com 22 troféus conquistados.

No início do século XX, eram os jornais os responsáveis por promover prêmios e “entrega dos estandartes” na festa carnavalesca, sendo eles também uma espécie de agentes de “pré-oficialização” da festa, antecedendo a criação de regras durante o governo de Getúlio Vargas, nos anos 1930 (COUTINHO, 2006, p.63). Já nos anos 1930, eram os periódicos também que patrocinavam concursos, cobriam os preparativos e o evento em si (GUARAL, 2012, p.56).

A partir daí, começaram as primeiras apresentações:

A partir do primeiro desfile em 1932, as escolas de samba cresceram rapidamente em popularidade, logo se associaram fundando, em 1934, a União Geral das Escolas de Samba. Em 1935, passaram a receber, como já faziam os demais grupos carnavalescos pré-existentes, subvenções governamentais para seu desfile. Em 1947, fundaram-se outras duas organizações: a Federação das Escolas de Samba e a Confederação das Escolas de Samba. Em 1952, as três associações fundiram-se num único órgão: a Associação das Escolas de Samba (CAVALCANTI, 1994, p.26)

Em desfiles que ainda não tinham um espaço próprio para a sua realização, conforme argumenta a autora, a década de 1950 foi importante para definir o rumo das escolas de samba, já que ampliou as bases sociais, com a inclusão de cenógrafos e artistas.

O desfile, que até então ocorria na avenida Rio Branco, passou a contar, em 1962, com a venda de ingressos ao público, com a montagem de arquibancadas para o carnaval, em um processo que passou a buscar, por parte das escolas de samba, um local adequado para o desfile (CAVALCANTI, 1994, p.26). Considerada a “principal artéria” do Rio de Janeiro, a Rio Branco não foi o único endereço de desfiles, tendo já passado por outras ruas, até por um campo de futebol, e a tendência foi se deslocar até o berço de origem: o local onde outrora ficava a Praça Onze (GUARAL, 2012, p.63).

Foi só em 1984 que a Passarela do Samba foi construída, coroando uma evolução: representou o reconhecimento e uma ampliação do potencial econômico dos desfiles (CAVALCANTI, 1994, p.27).

¹⁰ CAMPEÃS do Grupo Especial do Rio: veja as escolas vencedoras do carnaval. **O Globo**, 25 abr. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/campeas-do-grupo-especial-do-rio-veja-escolas-vencedoras-do-carnaval-25488487>>. Acesso em 31 out. 2022.

3.2 O Sambódromo e a Liesa

Projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, a Passarela do Samba foi construída em tempo recorde: em quatro meses, para o carnaval de 1984, conforme observa Maria Laura Cavalcanti. Desde 1975, a Riotur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro, criada em 1972) mudou a relação até então existente entre o poder público e as agremiações — a liberação burocrática complicada da subvenção aos desfiles foi facilitada ao ser assinado um contrato em que as escolas passavam a ser prestadoras de serviço (CAVALCANTI, 1994, p.27).

Porém, para o primeiro ano de desfiles com a estrutura do Sambódromo, as 14 escolas integrantes do grupo I-A (atualmente denominado grupo Especial) competiriam em duas etapas: divididas em sete escolas a desfilar, metade no domingo e a outra metade na segunda, cada dia teria uma agremiação sagrada campeã, título disputado novamente no sábado seguinte, em que seria declarada a supercampeã (CAVALCANTI, 1994, p.28). A Portela venceu com “Contos de areia” e a Mangueira com “Yes, nós temos Braguinha”, sendo a Estação Primeira a supercampeã deste ano, em um carnaval lembrado pelo fato de a escola ter desfilado em direção à Praça da Apoteose e, depois, refeito o trajeto na direção contrária, rumo à avenida Presidente Vargas, devido a um engarrafamento de carros ao fim da apresentação: a platéia desceu das arquibancadas e fez a festa no primeiro carnaval do Sambódromo¹¹.

A nova fórmula, no entanto, não passou dessa edição e, a partir de 1985, o julgamento dos dois dias de desfile passa a ser unificado, sendo instaurado um Desfile das Campeãs no sábado posterior à apuração das notas, com as cinco primeiras colocadas do primeiro grupo, além das duas agremiações que “subiram”, aponta a autora. A configuração atual agrega apenas as cinco primeiras colocadas do Grupo Especial, sem a presença das agremiações vencedoras de outros grupos.

Maria Laura Cavalcanti (1994, p.215) descreve o mapa da rua Marquês de Sapucaí, que fica entre a avenida Presidente Vargas e a rua Frei Caneca, sendo esta o destino final de todos os desfiles. No lado esquerdo da Avenida, alinham-se os setores ímpares da plateia, sendo o Setor 1 a arquibancada popular, que vai até o chão, enquanto os outros — 3, 5, 7, 9 e

¹¹ MENDONÇA, A. V; CUNHA, M. 'Inesquecível Sapucaí': Alvinho fala como foi o supercampeonato da Mangueira em 1984. **GI**, 19 fev. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/02/19/inesquecivel-sapucaai-alvinho-conta-co-mo-foi-o-supercampeonato-da-mangueira-em-1984.ghtml>>. Acesso em 5 nov. 2022.

11 — seguem um padrão, em que o térreo fica livre para banheiros e bares (CAVALCANTI, 1993, p.215). Diferentemente de quando a obra de Cavalcanti foi lançada, os setores pares, atualmente, também seguem o mesmo padrão do lado ímpar, já que para o carnaval de 2012 a prefeitura do Rio fez uma reforma¹² no local. Com a demolição da antiga fábrica da Brahma e a derrubada dos módulos entre o Setor 2 e o recuo de bateria, para que fossem erguidas novas estruturas, visou-se ampliar a capacidade da Sapucaí¹³ — de 60 mil para 77,8 mil espectadores — e também melhorar a visão da platéia¹⁴ que, antes da obra, não conseguia avistar a Apoteose. A intervenção também foi um legado Olímpico, já que o local recebeu provas de tiro com arco e a chegada da maratona nos Jogos Olímpicos Rio 2016¹⁵.

Atualmente, o número de agremiações desfilantes no Grupo Especial é de 12 escolas, enquanto a Série Ouro (segunda divisão do carnaval) é de 15, sendo estes dois os únicos a desfilarem na Sapucaí, além das escolas de samba mirins. As demais divisões, que nos primórdios do Sambódromo se dividiram entre as avenidas Rio Branco, no Centro, e Intendente Magalhães, no Campinho, na Zona Norte (CAVALCANTI, 1994, p.28), atualmente se concentram apenas neste logradouro do Subúrbio do Rio.

A Prefeitura do Rio divulga o calendário¹⁶ de desfiles da Intendente Magalhães, em que conta com mais cinco grupos, que são os seguintes: Federação dos Blocos, Grupo de Avaliação, Série Bronze, Série Prata e Grupo de Acesso B.

O domingo e a segunda-feira são consideradas as noites mais nobres do carnaval (CAVALCANTI, 1994, p.28), prestígio que, nos primórdios da festa, era gozado pela “Terça-Feira Gorda”, que era quando desfilavam as grandes sociedades (GUARAL, 2012, p.62). A origem desse deslocamento é de meados do século XX, quando as escolas de samba ocupam a avenida Rio Branco, “principal vitrine dos festejos do período”: foi o momento em que as escolas de samba ganharam projeção no cotidiano da cidade, afinal “foram as únicas a aceitar o convite e a participar de um carnaval que tinha a Segunda Guerra Mundial com contextos nacional e internacional” (GUARAL, 2012, p.62). Desta forma, segundo o autor, foi

¹² MAGALHÃES, L. E. Sambódromo terá mais 17,8 mil lugares até o carnaval de 2012. **O Globo**, 14 dez. 2010. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/sambodromo-tera-mais-178-mil-lugares-ate-carnaval-de-2012-2910617>>. Acesso em 5 nov. 2022.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ CARNAVAL 2022: Veja aqui todas as informações dos desfiles da Sapucaí e da Intendente e dos shows do Terreirão. **Prefeitura do Rio**, 14 abr. 2022. Disponível em: <

fortalecida a apresentação feita no domingo, dia até então menos nobre da festa, inventando-se a tradição.

Maria Laura Cavalcanti descreve a arquitetura “monumental” da Passarela do Samba como sendo um “teatro aberto” que, simultaneamente, destina uma rua da cidade para um uso peculiar, mantém uma relação de decidida continuidade com a rua (CAVALCANTI, 1994, p.29). A rua, vista por Roberto DaMatta como o local próprio do ritual, tem no “centro da cidade” — local desumano das decisões impessoais, que deixa esse papel durante o ritual para tornar-se ponto de encontro — o “universo espacial próprio” do carnaval (DAMATTA, 1997, p.56).

Dessa maneira, ilustra-se que o carnaval necessita de um espaço próprio. O centro comercial da cidade tem suas ruas interditadas para o trânsito, de maneira que as pessoas, ligadas ou não às corporações do carnaval, possam ocupá-lo: é quando a rua é domesticada, argumenta o autor. De acordo com o antropólogo, em vez de carros em alta velocidade “dispostos a liquidar pessoas”, o logradouro dá lugar a uma “praça medieval”: o povo anda, substituindo os automóveis.

Transforma-se, sob um chamado “esquema carnavalesco”, um centro de decisões impessoais (onde negócios são realizados) em um centro de todo tipo de encontros e dramatizações típicas do carnaval. assim, a área bancária e comercial do Rio fica transmutada numa imensa passarela, onde as pessoas passeiam e se olham mutuamente, usando os costumes apropriados ao carnaval (suas fantasias) ou não (DA MATTA, 1997, p.113)

No entanto, Eduardo Granja Coutinho frisa que a lógica do espetáculo impõe a distinção entre quem produz e quem consome o carnaval, que é incompatível com a festa (COUTINHO, 2006, p.167). Por isso, entende-se que é o palco o responsável por destruído o carnaval — aquele, entendido por Bakhtin como uma festa a ser vivida, e, não, assistida por todo o povo (BAKHTIN, 1993, p.6 apud COUTINHO, 2006, p.167).

Musicalmente, também nota-se que anteriormente qualquer instrumento podia ser musical, de pratos a caixas de fósforo, sendo um processo aberto às pessoas, sem as distinguir entre as instâncias de produção e consumo (SODRÉ, 1998, p.51), processo esse alterado pela produção de massa, com ritmos de produtividade e consumo acelerados, conforme analisa o autor.

No mesmo ano de 1984, de inauguração do Sambódromo, o grupo das dez escolas de samba consideradas “grandes” se separou do órgão que até então representava as agremiações, fundando a Liga Independente das Escolas de Samba, a Liesa, responsável por

organizar, desde então, o desfile do primeiro grupo das escolas de samba (CAVALCANTI, 1994, p.28).

Fundada em 24 de julho de 1984, a Liesa teve como primeiros presidentes nomes conhecidos da contravenção do jogo do bicho: Castor de Andrade (1985), Anísio Abraão David (1986-1987) e Capitão Guimarães (1988-1993), que deixou o cargo após ser preso em 1993. No entanto, a autora aponta para uma “dubiedade” de atuação da organização: a autonomia das escolas de samba foi organizada pelos próprios patronos — bicheiros que faziam aportes financeiros nas escolas de samba — em benefício próprio (CAVALCANTI, 1994, p.38).

A Liesa, por um lado, racionalizou financeira e administrativamente importantes aspectos do desfile — imprimia o próprio disco, recebia parte do valor arrecadado com a venda de ingressos, era quem vendia os direitos de transmissão aos canais de televisão — ao mesmo tempo em que coordenava o julgamento, com a escolha de jurados, discussão dos quesitos, além de as escolas, internamente, organizarem sua administração e funcionamento, analisa a autora. Porém, essa era uma maneira de reforçar o controle da rede de bicheiros sobre os seus territórios e obter prestígio (CAVALCANTI, 1994, p.39).

A exemplificação dessa visão suavizada colhida pelos contraventores pôde ser vista no carnaval de 2022, vinte e cinco anos depois da morte de Castor de Andrade — “homem forte do jogo do bicho”, dirigente do Bangu Atlético Clube, finalista do campeonato brasileiro de 1985, e patrono da Mocidade Independente de Padre Miguel, além de primeiro presidente da Liesa (LOPES, 2012, p.85) — em que a Unidos de Bangu, escola da Série Ouro, desfilou na Sapucaí com o enredo “Deu Castor na cabeça”. Lembrado no samba enredo¹⁷ como um “benfeitor” — referindo-se à sua palavra como equivalente a uma “lei” e exaltando Castor, ao dizer que teria sido “aclamado rei” — o desfile também trouxe “nenhuma menção aos problemas com a lei do homenageado”¹⁸.

Quando morreu, cumpria prisão domiciliar¹⁹ após condenação a seis anos de reclusão por formação de quadrilha e bando armado, além de ter sido acusado pela ex-esposa de ter encomendado seu assassinato. Antes de ter a pena convertida para ser cumprida em sua casa,

¹⁷ UNIDOS DE BANGU; BRITO, T. **Deu Castor na cabeça**. Rio de Janeiro: LigaRJ: 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/1pb6ZUs6PtWO0FLvIutAxV?si=e250438729eb4966>>. Acesso em 31 out. 2022

¹⁸ TRINDADE, F. Unidos de Bangu se atrapalha em homenagem ao bicheiro Castor de Andrade e é candidata a rebaixamento. **Extra**, 21 abr. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/carnaval/unidos-de-bangu-se-atrapalha-em-homenagem-ao-bicheiro-castor-de-andrade-e-candidata-rebaixamento-25483175.html>>. Acesso em 31 out. 2022.

¹⁹ CASTOR de Andrade morre aos 71 no Rio. **Folha de S. Paulo**, 12 abr, 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/4/12/cotidiano/45.html>>. Acesso em 31 out. 2022.

ele havia reformado a cela²⁰, em busca de maior conforto: com direito a ar condicionado, TV, cozinha e cama especial, além de um aparelho celular.

E a origem dessa relação se deu por meio da expansão do jogo do bicho pelos territórios do Rio de Janeiro, em que preencheram os “vazios administrativos” do poder público, o que, de acordo com Maria Laura Cavalcanti, permitiu que os bicheiros se enraizassem nos territórios, encontrando os clubes de futebol e as escolas de samba locais, por meio dos quais se estabelecia um relacionamento “mais estreito” entre o banqueiro e as agremiações locais (CAVALCANTI, 1994, p.32).

E se o aporte em dinheiro para o carnaval era o “preço da vaidade”, de aparecer nas colunas sociais dos jornais, em vez de nas páginas policiais: Maria Laura Cavalcanti aponta ainda que essa era uma “generosidade interessada”, para que fosse bem vista e aceitável a riqueza do contraventor. Era uma maneira do mecenas enfatizar a “função cultural e social” de sua agremiação, que permitia ainda aparecer nas páginas dos periódicos descrevendo a comunidade da escola de samba campeã do carnaval (CAVALCANTI, 1994, p.33).

3.3 O povo, a tradição e a mercantilização

Assim como na música “De onde eu venho”²¹, em que os versos narram “De onde eu venho todo mundo sabe como é / Aonde eu moro todo mundo me conhece”, a origem das escolas é algo muito característico de sua identidade e de sua comunidade. A vinculação ao local onde estão sediadas é uma de suas características básicas, trazendo, inclusive, o bairro, o morro ou a cidade em que têm suas raízes anexado ao seu nome (CAVALCANTI, 1994, p.25). Em 2022, entre as escolas que desfilaram no grupo especial, os seus nomes faziam referência aos bairros — como a Mocidade Independente de *Padre Miguel*, a Unidos da *Tijuca* e a Unidos de *Vila Isabel* —, referência às comunidades de origem — como a Acadêmicos do *Salgueiro*, a Estação Primeira de *Mangueira* e a Paraíso do *Tuiuti* —, à região em que fica localizada, como a Imperatriz *Leopoldinense*, e à cidade de origem, como a Beija-Flor de *Nilópolis*.

E se esses nomes fazem referência à origem, há uma “novidade sociológica” atualmente, em que a rede de reciprocidade estabelecida por meio do desfile não diz respeito apenas às ruas do bairro periférico, ou bairros periféricos concorrendo entre si: os diferentes

²⁰ Ibidem.

²¹ LEANDRO SAPUCAHY. **De onde eu venho**. [s.l.]: Waves Sound: 2017. Disponível em: <<https://open.spotify.com/search/de%20onde%20eu%20venho%20leandro%20tracks>>. Acesso em 31 out. 2022.

bairros da cidade e diversas camadas da sociedade também são relacionados (CAVALCANTI, 1994, p.26)

Mas quem são as pessoas que compõem o corpo de uma escola de samba? Roberto DaMatta chama a atenção que majoritariamente pobres constituem as associações voluntárias que organizam o desfile. Mas, ainda de acordo com o autor, em uma sociedade hierarquicamente ordenada como a do Brasil, quando se escapa do esquema dominante hierárquico, os grupos acabam entrando em competição (DAMATTA, 1997, p.58).

O autor chama de “paradoxo do mundo carnavalesco” o fenômeno em que os grupos perseguidos pela polícia e residentes de favelas cariocas passam a ensinar o “prazer de viver” a partir do canto, da dança e do samba, através das escolas de samba, enquanto, no dia a dia, são estes mesmos que precisam aprender a viver da maneira que julgam correta os setores elitizados da sociedade, com as chamadas “nossas regras” (DAMATTA, 1997, p.127).

Na prática do desfile, as escolas de samba não disputam apenas o título de um grupo, mas também a permanência, afinal, “o número de escolas efetivamente pertencentes a um grupo é sempre menor do que o número de posições do desfile destinado a esse grupo” (CAVALCANTI, 1994, p.42). E no quadro integrante das escolas, figuras célebres da sociedade local, em especial no caso do Rio de Janeiro, participam ativamente dos desfiles, de maneira a reunir pobres e milionários, estrelas do futebol e do rádio, TV e cinema, e as torcidas a partir da preferência por uma escola ou outra. Há, no entanto, segundo DaMatta, uma “inversão” entre o desfilante — pobre e negro — e a figura que ele representa, um nobre ou um rei.

Assim, os ricos (dominantes) não são vistos como *ricos* (inclusive com suas gradações e variados instrumentos de dominação: dinheiro, poder repressivo, símbolos de status que oscilam etc.), mas como *nobres*. Se fossem olhados como ricos (ou seja, burgueses), seriam *satirizados* e o desfile provavelmente perderia seu caráter domesticado, sinal de fato de uma trégua entre dominados e dominantes. Mas eles são vistos como *nobres* e se inflacionam por meio do uso ostentatório de um *sobre-simbolismo* e as virtudes de uma aristocracia nas suas vertentes “nobres”. Abandona-se, como consequência, a sátira para se permanecer na trégua e na inflação do bom comportamento (DAMATTA, 1997, p.59, grifos do autor)

De acordo com Eduardo Granja Coutinho, o carnaval transforma-se em espetáculo e objeto de consumo a partir do capital, tornando-se algo mercadológico (COUTINHO, 2006, p.159). E essa mudança chegou às canções, no que Muniz Sodré (1998,p.49) sinaliza como sendo um tom mais “universitário”, com marcação intelectualizada, com intenções críticas mais definidas, afastando-se do léxico popular e afetando a autonomia estética relacionada à

vida social. A classe média passa a ser “produtora sistemática” do samba, iniciando um processo de novas significações culturais, em que o samba tradicional passa a servir de fonte para uma variedade de produtos que tinham como destino ao consumidor de uma camada média urbana (SODRÉ, 1998, p.5).

Foi dessa forma que esses produtos sustentaram o disco como bem de consumo, impulsionados pelas indústrias do rádio e da televisão, conforme aponta Muniz Sodré. No entanto, segundo o autor, esse é um processo de expropriação progressiva do instrumento expressivo do segmento populacional pobre e negro por outro, médio e branco. Ao se viver “de” samba em vez de viver “no” samba ou “com” o samba, entrou-se no esquema de uma produção que introduziu o ritmo ao do espetáculo (SODRÉ, 1998, p.52). Desta forma, argumenta o autor, o “valor de uso” do samba, que equivale à garantia da sociabilidade e da transitividade da música, é absorvido pelo “valor de troca”, privilegiando a tecnologia de produção, o esteticismo e a separação consolidada entre produtor e consumidor, de maneira que o samba é ouvido, mas muito pouco cantados pelos ouvintes, que logo o esquecem.

Antes, a lógica do “partido-alto” — samba cantado em desafio por dois ou mais sambistas, a partir de um refrão, e o restante com versos improvisados (LOPES, 2012, p.270) — era a forma do “samba-de-morro” tradicional, anulada pela intensificação da “forma/disco” e do samba enredo, de formas prontas e acabadas (SODRÉ, 1998, p.58). No entanto, apesar de os compositores conseguirem ascender à carreira de shows e discos, driblando o trabalho pesado e mal remunerado, no geral o segmento é um conjunto de empregados ou subempregados das camadas de baixa renda da população carioca, conforme argumenta o autor. Sem serem promovidos economicamente como classe social, até quem ascendeu, precisa viver, como nos primórdios, à espera de que algum cantor bem sucedido grave seus sambas (SODRÉ, 1998, p.59).

Zeca Pagodinho, cantor carioca, é um exemplo dessa chance de sucesso para os compositores. Ele, inclusive, já os colocou como protagonistas de seus álbuns. Em “Zeca Apresenta: O Quintal Do Pagodinho”²², em vez de apenas o cantor estar comandando os microfones, eram justamente aqueles que assinavam as letras de seus sucessos que comandaram as canções.

Além de nomes consagrados, como Monarco, Arlindo Cruz, Jorge Aragão e Martinho da Vila, estrelam o álbum nomes como Zé Roberto, Juninho Thybau, Serginho Meriti e o Trio Calafrio, composto por Luiz Grande, Barbeirinho do Jacarezinho e Marquinhos Diniz. Zeca

²² ZECA PAGODINHO. **Zeca Apresenta: O Quintal Do Pagodinho**. Rio de Janeiro: Universal Music: 2012. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/765de1s1K0uuzXAka1fp40>>. Acesso em 1 nov. 2022.

tem fama de generoso com seus compositores. E como uma música em seu álbum significa uma “mina de ouro”, o cantor tenta colocar o máximo de nomes assinados em suas faixas, tirando até músicas de sua autoria para colocar a de um amigo (BRUNO; BARBOZA, 2014, p.121).

Já no mercado do carnaval, a realidade da mídia sempre se ampliou: se nos anos 1930 eram os jornais impressos que patrocinavam concursos e cobriam os preparativos do evento (e o próprio evento em si), nos anos 1950 foi a vez do rádio, que divulgavam em profusão as músicas carnavalescas e, em seguida, a televisão a partir da década de 1970, que também passa a transmitir o desfile das escolas de samba ao vivo (GUARAL, 2012, p.56).

O rádio, por exemplo, pode ter se somado, com o tempo, à atmosfera de ruídos de festejos populares, de blocos carnavalescos e conversas nos pés das casas, conforme argumenta Marialva Barbosa. A radiotelefonia, que inicialmente precisava do auxílio de fones de ouvido para ser desfrutada, se desacoplou dos auriculares, o que permitiu que as sonoridades múltiplas se espalhassem pelos ambientes (BARBOSA, 2013, p.216). E o início da popularização durante o Estado Novo se dá, entre diversos fatores, além da apropriação do poder público, pela transformação tecnológica, por novos modelos que permitiam a escuta coletiva (com alto falantes), aparelhos mais baratos e programação alterada para atender a demanda do público, aponta a autora.

Já a televisão surge como o “brinquedo mais fascinante do século XX”, em que se transforma em lugar para a produção simbólica e realização de sonhos, até mesmo o aprisionamento do tempo (BARBOSA, 2013, p.284). É o que a autora chama de “utopia midiática”, em que é possível um sentido de tempo particular, de um eterno presente: o que aparece em tela não tem passado, nem futuro, é um presente que não acaba nem com o fim das transmissões, de modo que a lourinha da TV Tupi de 1952 é ainda, na imaginação de quem a viu em cena, a lourinha da TV Tupi de 1952. É esse o efeito dado também pelos desfiles, transmitidos a partir da segunda metade do século XX.

E se tudo isso faz parte de um movimento de espetacularização, os próprios desfiles já foram críticos a essa lógica. Em 1982, o Império Serrano desfilou com “Bum bum paticumbum prugurundum”, desfile que garantiu o título para a escola da Serrinha. Além de o enredo sintetizar a trajetória das escolas de samba, fez história ao valorizar a música, o ritmo e a dança, “fundamentos esquecidos em detrimento dos grandes carros” (MELLO, 2015, p.161). O samba²³ histórico composto por Aluisio Machado e Beto Sem Braço trazia versos

²³ IMPÉRIO SERRANO. **Bum bum baticumbum prugurundum**. [s.l.]: [s.n.]: 1982. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/6nhXt0Lrtd4rsjrDF9CFu0?si=afad1dad045442fe>>. Acesso em 5 nov. 2022.

como “Superescolas de samba S/A / Superalegorias / Escondendo gente bamba / Que covardia”, que sintetizam essa ideia e demonstram ser possível ganhar apostando na tradição, argumenta o autor.

Em 1990, foi a vez da São Clemente desfilando com “E o samba sambou”, enredo em que criticava o desfile que parecia ter virado Hollywood, com, como frisaram os versos do samba enredo²⁴, “mil artistas na Sapucaí”, além de “luzes, câmeras e som”, conforme a espetacularização do carnaval. Em 2019, a escola desfilou novamente²⁵ com o enredo, considerado uma “crítica bem-humorada ao próprio mundo do samba”.

Na prática, a rua se qualifica por uma série de exclusões: de espaço aberto dedicado a todos, tem espaço dedicado à concentração dos desfilantes e estrutura cercada por portões, aponta Maria Laura Cavalcanti. No entanto, entre os setores de arquibancada existentes, é o Setor 1, chamado de “arquibancada popular”, que está entre a “rua simplesmente” e a “rua consagrada” (CAVALCANTI, 1994, p.31). Se o desenho da Sapucaí trata de início, meio e fim do desfile, o Setor 1 está localizado antes do início do desfile propriamente, em área em que, por exemplo, nem os julgadores avaliam a passagem da escola.

Outro local importante para acesso de populares é a arquibancada provisória montada no canal do Mangue, às margens da avenida Presidente Vargas, chamado de “Setor 0”. E se a vista distante, separada pelas águas do canal, já permitiam apenas a visualização da concentração para o espetáculo, em 2022 elas sequer foram montadas e o público se utilizou de estratégias próprias²⁶, como assistir de pé ou munido de cadeiras de praia, para não perder a tradição, assim como ficar do alto do elevado Trinta e Um de Março para assistir a concentração de um ângulo mais privilegiado.

3.4 Regras do desfile

Como tratado anteriormente, as escolas de samba quando pisam na Sapucaí estão atrás de, para além de simplesmente vencer o carnaval, ou ascender ao grupo superior, lutar para

²⁴ RIBAS, B.; LUZ, L.; LEOZINHO NUNES; SÃO CLEMENTE. **E o samba sambou**. Rio de Janeiro: Universal Music: 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/5nI1e1xiadjqkFCFwh5sGx?si=7936c355bf2b4d0a>>. Acesso em 5 nov. 2022.

²⁵ AMARAL, P. São Clemente leva reflexão crítica e bem-humorada sobre o carnaval à Sapucaí. **O Globo**, 4 mar. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/sao-clemente-leva-reflexao-critica-bem-humorada-sobre-carnaval-sapuca-i-23492944>>. Acesso em 5 nov. 2022.

²⁶ NUNES, M. Arquibancada '0800': torcedores assistem a desfiles no Rio às margens do canal da Presidente Vargas. **Extra**. 22 abr. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/carnaval/arquibancada-0800-torcedores-assistem-desfiles-no-rio-as-margens-d-o-canal-da-presidente-vargas-25485315.html>>. Acesso em 1 nov. 2022.

permanecer em seu grupo (CAVALCANTI, 1994, p.42).

Tradicionalmente, as escolas do Grupo Especial se apresentam em dois dias, o domingo e a segunda-feira de carnaval. Mas com a pandemia da Covid-19, a edição 2021 da festa foi cancelada e a de 2022 foi adiada para o mês de abril, com ressalvas no regulamento do desfile que, em caso de agravamento na disseminação da doença, a data seria adiada novamente (LIESA, 2022b, p.1). Com o novo mês, as datas escolhidas foram a sexta-feira e o sábado, 22 e 23 de abril, em que as escolas foram divididas da seguinte maneira (LIESA, 2022b, p.2):

Na sexta-feira, primeiro dia de apresentações, desfilaram respectivamente: Imperatriz Leopoldinense, Estação Primeira de Mangueira, Acadêmicos do Salgueiro, São Clemente, Unidos do Viradouro e Beija-Flor de Nilópolis. Já no segundo dia de desfile, a ordem foi: Paraíso do Tuiuti, Portela, Mocidade Independente de Padre Miguel, Unidos da Tijuca, Acadêmicos do Grande Rio e Unidos de Vila Isabel.

Em 2022, o regulamento prevê que, para o próximo carnaval, as onze primeiras colocadas e a campeã da Série Ouro (grupo de acesso) irão compor o desfile de 2023 (LIESA, 2022b, p.19). Desta forma, a São Clemente foi rebaixada²⁷ para a Série Ouro, enquanto o Império Serrano²⁸ disputará o carnaval no Grupo Especial de 2023.

Maria Laura Cavalcanti (1994, p.43) sinaliza que a cronometragem dos desfiles está relacionada à crescente mercantilização do evento e, dessa forma, equipara as escolas “diante do imprevisível”. Caso uma escola tente boicotar a sua “co-irmã”, será penalizada por isso (CAVALCANTI, 1997, p.43).

O regulamento atual da Liesa prevê que as escolas têm entre 60 e 70 minutos para atravessar toda a Avenida, perdendo um décimo na sua nota final — no dia da apuração — em caso de desrespeito: seja ultrapassando o tempo ou saindo da Marquês de Sapucaí antes da uma hora determinada (LIESA, 2022b, p.7).

Entre as determinações para o desfile estão, por exemplo a obrigatoriedade de no mínimo 200 ritmistas, 60 baianas, proibição de homens desfilando como baianas (a não ser que sejam diretores, com roupa diferente das demais desfilantes da ala), proibição de animais vivos e a proibição de apresentação com a genitália à mostra, decorada e/ou pintada (LIESA,

²⁷ SÃO Clemente é rebaixada para a Série Ouro com enredo sobre Paulo Gustavo. **O Globo**. 26 abr. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/sao-clemente-rebaixada-para-serie-ouro-com-enredo-sobre-paulo-gustavo-25490582>>. Acesso em 1 nov. 2022

²⁸ GRINBERG, F; RIBEIRO, G. Império Serrano vence Série Ouro e volta ao Grupo Especial. **O Globo**, 27 abr. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/noticia/2022/04/imperio-serrano-vence-serie-ouro-volta-ao-grupo-especial-25491376.ghtml>>. Acesso em 1 nov. 2022.

2022b, p.8-9). O descumprimento dessas obrigatoriedades pode implicar na penalização com perda de meio ponto para cada infração (LIESA, 2022b, p.9), o que, inclusive, gerou polêmica neste carnaval e este trabalho tratará mais para frente.

São nove quesitos em julgamento: bateria; samba enredo; harmonia; evolução; enredo; alegoria e adereços; fantasias; comissão de frente; e mestre sala e porta-bandeira (LIESA, 2022b, p.13).

Os 45 jurados — cinco para cada um dos nove quesitos — passam por um sorteio prévio que define suas posições nas cabines de julgamento (LIESA, 2022b, p.12) e, durante as apresentações, podem dar notas entre 9 e 10 (LIESA, 2022b, p.14).

O manual do julgador tem 50 páginas e descreve a ordem de apresentação das escolas, horário previsto para a entrada na Avenida e os enredos, além de estabelecer quais critérios os julgadores devem levar em consideração na hora de darem as notas (LIESA, 2022a). As cabines de jurados são divididas em cinco módulos, sendo quatro desses posicionados juntos: 1 e 2, 4 e 5 (LIESA, 2022a, p. 11).

O manual conta ainda com o mapa de notas, que — por sugestão da Liga — deverá ser preenchido pelo jurado ao final da apresentação da última agremiação, utilizando um rascunho anteriormente (LIESA, 2022a, p.13). No Mapa Oficial, deverá ser escrita a nota por extenso e justificá-la caso tenha sido diferente de 10 (LIESA, 2022a, p.8). Cumpridas as determinações e regras, as escolas encontram-se, pelo menos em tese, em pé de igualdade para o julgamento (CAVALCANTI, 1994, p.43).

Com representantes da Riotur e da Liesa, a apuração é marcada para um local público às 15h (LIESA, 2022b, p.14), normalmente na Praça da Apoteose (CAVALCANTI, 1994, p.45), assim como aconteceu em 2022. Mas se o dia para a apuração é uma quarta-feira de cinzas, em um ano de desfile fora de época, a apuração aconteceu em uma terça-feira²⁹ (26 de abril).

²⁹ ACOMPANHE ao vivo a apuração do carnaval do Rio. **O Globo**. 26 abr. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/acompanhe-ao-vivo-apuracao-do-carnaval-do-rio-25490622>>. Acesso em 1 nov. 2022.

Figura 1: rascunho do mapa de notas que deverá ser preenchido pelo julgador

MANUAL DO JULGADOR - CARNAVAL / 2022

MAPA DE NOTAS	QUESITO: FANTASIAS
----------------------	---------------------------

SEXTA-FEIRA – 22/04/2022

ORDEM DO DESFILE	Concepção de 4,5 a 5,0	Realização de 4,5 a 5,0	Soma = Nota Final	Nota Final por Extenso
G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense				
G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira				
G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro				
G.R.E.S. São Clemente				
G.R.E.S. Unidos do Viradouro				
G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis				

NOME DO JULGADOR:	ASSINATURA DO JULGADOR:
-------------------	-------------------------

26

MANUAL DO JULGADOR - CARNAVAL / 2022

MAPA DE NOTAS	QUESITO: FANTASIAS
----------------------	---------------------------

SÁBADO – 23/04/2022

ORDEM DO DESFILE	Concepção de 4,5 a 5,0	Realização de 4,5 a 5,0	Soma = Nota Final	Nota Final por Extenso
G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti				
G.R.E.S. Portela				
G.R.E.S. Mocidade Ind. de Padre Miguel				
G.R.E.S. Unidos da Tijuca				
G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio				
G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel				

NOME DO JULGADOR:	ASSINATURA DO JULGADOR:
-------------------	-------------------------

27

Fonte: Manual do julgador (Liesa, 2022a, p.26-27)

Na quarta-feira de cinzas, a Riotur torna público o julgamento numa cerimônia denominada “Apuração”, normalmente realizada na Praça da

apoteose. nessa ocasião, as favoritas de um carnaval já estão na boca do povo, todo mundo tem sua opinião, comparam-se os desfiles, pondera-se, há dúvidas, e muitas vezes, mesmo torcedores de uma escola podem considerar justo o resultado que premia outra. Mas pode ocorrer também que a “campeã” do povo não seja a campeã oficial. De qualquer forma, mesmo na situação predominante, quando termina por haver consenso quanto ao resultado, a revelação pública das notas causa sempre imensa expectativa, surpresas, exultante alegria ou profundo dissabor (CAVALCANTI, 1994, p.45)

Compreender o desfile é compreender a natureza da tensão existente nele, em que, em cada apresentação, há coisas que não se sabe bem para onde vão; coisas que ainda estão a caminho; coisas que não fazem sentido; e coisas importantes que não são julgadas diretamente, argumenta a autora. Há uma “defasagem”, uma “salutar inadequação” na relação entre desfile e seus quesitos, o que é uma expressão de vitalidade, que mantém o desfile ligado a um passado, aberto para o futuro, em um presente que é sempre tensão (CAVALCANTI, 1994, p.47).

4 A PRINCESA DE BATERIA

Depois de as escolas de samba terem desfilado pela última vez na Avenida na chuvosa noite de 29 de fevereiro de 2020³⁰, data do Sábado das Campeãs daquele ano, a festa precisou parar devido à pandemia por coronavírus, caracterizada dessa maneira pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020³¹. Dessa forma, o carnaval do ano seguinte foi inviável e, até a cogitação de uma folia no meio do ano foi descartada³². Com o número de mortos totalizando os 688 mil brasileiros em novembro de 2022, segundo dados do Ministério da Saúde³³, foi impossível realizar a festa sem uma vacinação em massa em funcionamento no Brasil naquele momento.

A Marquês de Sapucaí, por exemplo, deixou de ser palco do carnaval para, em 2021, servir como posto de vacinação na campanha contra a Covid-19³⁴. Sem folia pela primeira vez em 89 anos³⁵, o jeito era aguardar a volta dos desfiles em 2022. Mas, depois de a prefeitura do Rio anunciar o cancelamento da festa de Réveillon³⁶, o início de 2022 reservou outra festa impactada: o carnaval.

Em decisão tomada e anunciada em conjunto com a prefeitura de São Paulo, o município do Rio de Janeiro, diante do quadro da variante Ômicron, adiou para os feriados de abril — Tiradentes e São Jorge — a data dos desfiles, temendo-se que, caso acontecessem em fevereiro, as apresentações “poderiam estender ainda mais a pandemia ou ajudar no repique

³⁰ SAMBÓDROMO fica debaixo de chuva forte pouco antes do Desfile das Campeãs. **O Globo**. 29 fev. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/sambodromo-fica-debaixo-de-chuva-forte-pouco-antes-do-desfile-das-campeas-24279615>>. Acesso em 2 nov. 2022

³¹ OMS decreta pandemia mundial por novo coronavírus. **O Globo**. 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/oms-decreta-pandemia-mundial-por-novo-coronavirus-24298652>>. Acesso em 2 nov. 2022.

³² GRINBERG, F.; LEAL, A. Paes descarta carnaval no meio do ano: 'Algo impossível de se fazer neste momento'. **O Globo**, 21 jan. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/paes-descarta-carnaval-no-meio-do-ano-algo-impossivel-de-se-fazer-neste-momento-1-24848705>>. Acesso em 2 nov. 2022

³³ MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em 2 nov. 2022

³⁴ MAGALHÃES, L. E. Vacinação no Rio terá pontos de 'drive-thru': Aterro, Parque Madureira e Sambódromo. **Extra**, 19 jan. 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/vacinacao-no-rio-tera-pontos-de-drive-thru-aterro-parque-madureira-sambodromo-24844612.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

³⁵ NO primeiro início de ano sem carnaval em 89 anos, relembre momentos dos desfiles da Praça Onze à Sapucaí. **Extra**, 13 fev. 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/no-primeiro-inicio-de-ano-sem-carnaval-em-89-anos-relembre-momentos-dos-desfiles-da-praca-onze-sapucaai-rv1-1-24882125.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

³⁶ PERELLÓ, D.; AMORIM, D.; MEDEIROS, L. Réveillon 2022: Paes cancela festa da virada do ano no Rio de Janeiro. **Extra**, 4 dez. 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/reveillon-2022-paes-cancela-festa-da-virada-do-ano-no-rio-de-janeiro-25305925.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

de casos”³⁷.

Iniciava-se, assim, a esperança do retorno do carnaval. Mesmo um pouco distante e repleto de incertezas e adiamentos, pôde-se colocar em prática o raciocínio de Mikhail Bakhtin (2010, p.30) de que mesmo reduzido e debilitado, “o princípio da festa popular do carnaval é indestrutível”. Ligadas sempre ao seu tempo, as festividades em todas as suas fases históricas estiveram relacionadas a períodos de crise: “de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem” (BAKHTIN, 2010, p.8).

Essa tese pode ser corroborada, com a realização dos desfiles após tanto tempo de reclusão, pelo pensamento de Luiz Antonio Simas — anterior à pandemia por coronavírus — que se encaixa bem ao momento: da necessidade da festa em tempos de crise. “A gente não brinca, canso de repetir isso, e festeja porque a vida é mole; a turma faz isso porque a vida é dura” (SIMAS, 2019, p.111).

Com data para os desfiles acontecerem, também chegou a hora dos ensaios técnicos, com apresentações³⁸ das escolas do Grupo Especial iniciadas em 13 de março deste ano. E foi este pré-carnaval que apresentou para o grande público a modelo e princesa de bateria da Paraíso do Tuiuti, Mayara Lima.

Até então, o programa “Seleção do samba”³⁹, exibido pela TV Globo no final de 2021, serviu para dar um “gostinho” do que seria o próximo carnaval, ao apresentar quais seriam os sambas enredo escolhidos pelas agremiações do Grupo Especial para embalarem seus desfiles. A atração também serviu para mostrar ao público em geral representantes das agremiações, como casais de mestre-sala e porta-bandeira, além dos intérpretes, integrantes da bateria e da velha guarda. Mas ao destacar as mulheres da Paraíso do Tuiuti que tinham samba no pé, as legendas trocadas davam conta de que Mayara Lima podia ainda não ser o rosto tão conhecido que viria a se tornar.

O programa funcionava apresentando diferentes sambas que disputavam, em uma final, qual seria o escolhido para a escola levar à Avenida e, após o anúncio de qual tinha sido o vencedor, entravam vários componentes para sambar diante das câmeras, embalados pela letra do samba escolhido. No palco da Paraíso do Tuiuti estavam, lado a lado, a princesa de

³⁷ MAGALHÃES, L. E. Desfiles das escolas de samba do Rio e de São Paulo são adiados para abril. **Extra**, 21 jan. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/desfiles-das-escolas-de-samba-do-rio-de-sao-paulo-sao-adiados-para-abril-25363448.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

³⁸ RIBEIRO, G. Imperatriz Leopoldinense abre ensaios técnicos das escolas de samba do Grupo Especial. **Extra**, 13 mar. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/imperatriz-leopoldinense-abre-ensaios-tecnicos-das-escolas-de-samba-do-grupo-especial-25431284.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

³⁹ SELEÇÃO do samba — 13/11/21. **TV Globo**, 13 nov. 2021. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10040054/?s=0s>>. Acesso em 2 nov. 2022

bateria Mayara Lima, de vestido dourado e cabelos soltos; a rainha de bateria Thay Magalhães, com vestido dourado com azul, na paleta da bandeira da agremiação, além de usar uma coroa brilhante; e Mari Mola, passista da agremiação, que tinha uma fantasia de plumas e bem menos quantidade de pano que as das colegas. No entanto, Mari usava um adorno na cabeça, diferentemente de Mayara, o que pode ter causado o equívoco. Lado a lado, ao aparecer no vídeo, Mayara e Thay foram creditadas como, respectivamente, “Mariana Ribeiro — passista” e “Thay Magalhães — rainha de bateria”. Quarenta segundos depois, a câmera focou em Mari Mola, que apareceu com a legenda “Mayara Barros — princesa de bateria”. Além de nomes trocados, também notou-se que o nome artístico das sambistas não foi utilizado.

Entretanto, o início de carreira de Mayara não passou despercebido. Destaque no blog do Ancelmo Gois⁴⁰, em 2016, aos 18 anos: a jovem foi apresentada como moradora da Cidade de Deus, comunidade da Zona Oeste carioca, que declarava seu amor pelo Salgueiro, onde estava desde criança e desfilava pela ala das passistas. A matéria mostrou ainda que a então rainha de bateria da Mocidade Unida da Cidade de Deus tinha o sonho de se “chegar lá”: no posto de rainha de uma escola grande, o Salgueiro. Valorizada como integrante de uma “nova geração de passistas”, o talento de Mayara foi destacado por meio das formações em balé, jazz, sapateado, capoeira, ginástica rítmica e olímpica.

E se a matéria então publicada em 2016 dava conta de um início promissor, no ciclo para o carnaval 2022 a coluna de famosos do jornal Extra⁴¹ — a Retratos da Vida — destacava a chegada de Mayara ao posto de princesa de bateria da Paraíso do Tuiuti diante de um clima que não era “dos melhores” com a rainha de bateria Thay Magalhães. Isso porque, de acordo com a reportagem⁴², a comunidade apoiava que Mayara substituísse a rainha, o que, de acordo com a matéria, teria um impeditivo: Thay Magalhães teria pago R\$ 500 mil pelo posto à frente da bateria. Apesar do texto⁴³ ponderar que Mayara é nora do presidente da agremiação, valorizou-se o “samba no pé que deixa qualquer rainha iniciante com vergonha” e o apoio de outras rainhas e musas, como Quitéria Chagas, Gracyanne Barbosa, Darlin Ferratry, Evelyn Bastos e Lexa.

⁴⁰ BRUNET, D. Direto do Salgueiro: Mayara Lima, Mulata Sub-20 do Gois. **O Globo**, 31 jan. 2016. ANCELMO.COM. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/direto-do-salgueiro-mayara-lima-mulata-sub-20-do-gois.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁴¹ PRINCESA de bateria da Paraíso do Tuiuti tem torcida de comunidade e famosas para ‘destronar’ rainha. **Extra**, 14 set. 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/princesa-de-bateria-da-paraíso-do-tuiuti-tem-torcida-de-comunidade-famosas-para-destronar-rainha-rv1-1-25195709.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

Às vésperas do ensaio técnico da Paraíso do Tuiuti, marcado para acontecer no em 20 de março, Mayara Lima teve um desempenho astronômico com um vídeo no Instagram. Com “gingado de dar inveja” e samba no pé, a jovem princesa de bateria aparecia com passos sincronizados aos dos ritmistas da Paraíso do Tuiuti, fazendo a cena viralizar e chegar a 1,3 milhão de visualizações em 24 horas⁴⁴. Durante a elaboração deste trabalho, os números atualizados são de 23.522.433 vezes em que o vídeo foi reproduzido, segundo consta na publicação da rede social⁴⁵.

E se o momento serviu para intensificar a polêmica existente no gosto popular entre Mayara e Thay, a princesa de bateria ainda reinou sozinha durante a primeira parte do ensaio técnico da escola, devido a um atraso de Thay Magalhães causado pela chuva que caiu na ocasião⁴⁶. Mesmo diante do carinho recebido pelo público presente na Avenida, Mayara Lima disse ao jornal O Globo⁴⁷ que “Cada uma tem seu espaço”, sem entrar em polêmicas com a rainha. A ausência de Thay em um ensaio, alimentando a polêmica com Mayara, voltou a se repetir⁴⁸ em abril, a dez dias para o desfile oficial, em que a princesa de bateria desfilou sozinha à frente de seus ritmistas em um ensaio de rua.

A própria agremiação tentou afastar a polêmica⁴⁹, publicando uma foto nas redes sociais em que Mayara Lima e Thay Magalhães apareciam ao lado do mestre Marcão, que comanda a bateria da escola: “sem rivalidade”, dizia o texto. No entanto, elas teriam se apresentado sem se falarem e, diante do público, Mayara era ovacionada, enquanto Thay ignorada⁵⁰.

Mayara Lima passa a ter os holofotes virados para si, com convites para participar de

⁴⁴ PRINCESA de bateria da Tuiuti faz passo sincronizado na Sapucaí com ritmistas e viraliza nas redes sociais; veja vídeo. **Extra**, 18 mar. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/princesa-de-bateria-da-tuiuti-faz-passo-sincronizado-na-sapucaí-com-ritmistas-viraliza-nas-redes-sociais-veja-video-25438690.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁴⁵ LIMA, M. Sincronizada com a @bateriasupersom30. **Instagram: @sou_mayaralima**, 17 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CbNwo6aDsZA/>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁴⁶ TRINDADE, F. Rainha se atrasa e princesa assume início de ensaio da Paraíso do Tuiuti. **O Globo**, 20 mar. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/rainha-se-atrasa-princesa-assume-inicio-de-ensaio-da-paraíso-do-tuiuti-25441087>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ APÓS polêmica, princesa da Tuiuti brilha sozinha em ensaio e rainha fala de ausência: ‘Será explicado após o carnaval’. **Extra**, 13 abr. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/apos-polemica-princesa-da-tuiuti-brilha-sozinha-em-ensaio-rainha-fala-de-ausencia-sera-explicado-apos-carnaval-25472871.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁴⁹ PARAÍSO do Tuiuti posta foto de rainha e princesa juntas após polêmica: ‘Sem rivalidade’. **Extra**, 22 mar. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/paraíso-do-tuiuti-posta-foto-de-rainha-princesa-juntas-apos-polemica-sem-rivalidade-25443036.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁵⁰ Ibidem.

programas de televisão, como o Domingão com Huck⁵¹, da TV Globo, em que compareceu reinando sozinha à frente da bateria da Paraíso do Tuiuti, sem Thay Magalhães. Logo na abertura, o apresentador Luciano Huck destacou como “grande beleza” da semana o vídeo viralizado de Mayara, enquanto Sabrina Sato — rainha de bateria da Vila Isabel, que também foi convidada da atração — teceu elogios: “Ela não samba, ela flutua”.

O sucesso que foi consolidando o nome de Mayara Lima está relacionado à repercussão dada pelo Instagram. Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira apontam como esse fenômeno se dá:

O ciberespaço em certa medida está transformando a vida das pessoas, abrindo possibilidades de construção de trajetórias de vida virtuais que se articulam com aquelas construídas na IRL [nomenclatura em inglês para *In Real Life*, “na vida real” em tradução livre]. Lugar de intensa elaboração do biográfico, de construção de *n* identidades, ali se constroem celebridades específicas desse tipo de ambiente (efêmeras ou mais duradouras, como na IRL); expande-se a visibilidade das celebridades; ampliam-se os laços da comui da comunidade de consumidores e fãs (HERSCHMANN; PEREIRA, 2003, p.35, grifos dos autores)

Dessa maneira, mesmo talentosa, Mayara Lima também precisou de “uma avaliação meritocrática quanto de um processo publicitário bem-sucedido” para alcançar o sucesso (HERSCHMANN; PEREIRA, 2003, p.38).

4.1 O desfile e a nudez

Com todo esse preâmbulo, era de se esperar que os olhos tivessem voltados para as duas na Marquês de Sapucaí. E como no carnaval, evento em que os grupos desfilam por meio da dança, há um dinamismo entre as apresentações dos desfilantes, ficam abertas possibilidades de inovações e interpretações pessoais de cada gesto (DAMATTA, 1997, p.59). O imaginário estava aberto às expectativas para acompanhar a performance da dupla Mayara Lima e Thay Magalhães.

Flavio Trindade, um do repórteres credenciados pelos jornais O Globo e Extra para estar in loco na Sapucaí, destaca que pediu para acompanhar as duas de perto: “Tem coisas que é certo que não vai acabar bem” (TRINDADE, 2022)⁵², disse, depois de ter sido ele também a cobrir a apresentação das duas no ensaio técnico.

⁵¹ DOMINGÃO com Huck — programa de 27/03/2022. **TV Globo**, 27 mar. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10429129/>>. Acesso em 2 nov. 2022

⁵² Entrevista concedida ao autor.. Rio de Janeiro. 10 de novembro de 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

Só que logo nos primeiros metros de Avenida, em frente ao primeiro módulo de jurados, Mayara Lima “esticou demais a perna em um passo e rasgou a parte debaixo, deixando a genitália à mostra. Constrangida, ela continuou sambando, mas a todo momento se cobria com as mãos”⁵³, até que uma calcinha lilás fosse disponibilizada para ela por pessoas que auxiliavam no desfile. A Paraíso do Tuiuti também teve problemas na roupa da rainha de bateria Thay Magalhães, que ficou com os seios à mostra por alguns minutos⁵⁴.

Reportagem do O Globo⁵⁵ ainda sinalizou que, apesar dos percalços com as fantasias, por outro lado, “a paz estava selada” na Corte da escola de São Cristóvão, já que, diferentemente dos ensaios, Thay e Mayara trocaram sorrisos e fizeram sinais para trocaram de lado na pista, para saudar o público. Mas esse acabou não sendo o ponto de partida da ocasião:

Nesse dia eu pensei que o grande mote seria o atraso da Mayara, porque ela chegou atrasada. Foi o contrário do ensaio, em que a rainha chegou atrasada e a princesa entrou sozinha; no desfile, a rainha entrou sozinha porque a princesa chegou atrasada. Eu tinha que fazer uma matéria, quando o [Rafael] Galdo [coordenador da equipe de carnaval na Sapucaí] ia me escalar para outra coisa, eu pedi para ficar na princesa e na rainha. Ele deixou. Tanto é que a minha matéria, se a Mayara não tivesse chegado, seria “princesa atrasa, a rainha brilha sozinha”, ou então, como elas estavam desfilando bem, trocando olhares, podia ser algo tipo “paz na Corte na Avenida”. Ia ser uma parada bem sem sal, mas aí arrebentou a fantasia (TRINDADE, 2022)⁵⁶

Mas a fantasia de Mayara tinha potencial de causar dor de cabeça à Paraíso do Tuiuti. O inciso V do artigo 26 do Regulamento Específico dos desfiles das escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro é direto ao estabelecer, entre as obrigações, que todas as agremiações devem “impedir a apresentação de pessoas que estejam com genitália à mostra, decorada e/ou pintada”, com punição cabível em meio ponto a ser descontado em caso de descumprimento (LIESA, 2022b, p.9).

E as proibições quanto à mostra de órgãos genitais vêm da virada dos anos 1980 para a década de 1990, quando episódios em série fizeram a Liga alterar o seu regulamento. O termo popularizado “genitália desnuda” surgiu no carnaval de 1989, enquanto a União da Ilha do Governador apresentava o seu “Festa Profana” e a modelo Enoli Lara “mostrou demais”

⁵³ TRINDADE, F. Corte da Tuiuti surpreende com sintonia entre Rainha e Princesa, mas acidentes com fantasias atrapalham. **O Globo**, 23 abr. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/corte-da-tuiuti-surpreende-com-sintonia-entre-rainha-princesa-mas-acidentes-com-fantasia-atrapalham-25486912>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 10 de novembro de 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

(SIMAS; FABATO, 2015, p.147).

Marcelo de Mello lembra que a transmissão da extinta TV Manchete destacava que o desfile lembrava os antigos bailes infantis quando, antiteticamente, surgiu em tela um baile “nada infantil”: destaque no carro “Baco, um deus esquecido”, Enoli Lara levantou um véu transparente que cobria sua genitália e a deixou à mostra diante da câmera. O comentarista Roberto Barreira, da Manchete, destacou que estávamos diante do primeiro “nu frontal absoluto” da Marquês de Sapucaí, enquanto a TV Globo — que transmitia o desfile em um pool com a concorrente, exibindo as mesmas imagens mas com equipes de transmissão distintas para cada canal — silenciou diante do momento (MELLO, 2015, p.244).

Desde então, a Liesa passou a incluir em seu regulamento de desfiles a proibição da genitália à mostra para os próximos carnavais, aponta o autor. Em 1990, no entanto, no desfile da Beija-Flor, tentou-se burlar a regra, ao trazer o ator Jorge Lafond — conhecido por interpretar o personagem Vera Verão — com o órgão ornamentado: a Liesa passou a estender a proibição às genitálias pintadas e decoradas (MELLO, 2015, p.244), regra que prevalece até hoje.

Nos anos seguintes, episódios como esses se repetiram. Em 1992, novamente a Beija-Flor passou por problemas com o tapa-sexo do destaque Torez Bandeira, o que resultou na perda de pontos e na demissão do carnavalesco Joãozinho Trinta (SIMAS; FABATO, 2015, p.147). Em 2008, na São Clemente, a modelo Viviane Castro viu seu tapa-sexo desgrudar de seu corpo, com tentativas até de uso de cola, mas atrapalhados pelo suor do corpo (MELLO, 2015, p.245).

A memória desses antigos episódios esteve presente no imaginário de Flavio Trindade que, desde quando viu Jorge Lafond “no alto do carro da Beija-Flor com o pênis balançando” (TRINDADE, 2022)⁵⁷ teve certeza de que a “nudez no carnaval é um clássico”⁵⁸.

Em 2022, o quesito Fantasias rendeu notas⁵⁹ 9,6; 9,7; 9,9; 10; e 10 para a Tuiuti, sendo a maior e a menor descartadas. O Manual do Julgador especifica que o profissional responsável por avaliar o quesito Fantasias deve penalizar a falta de chapéus, calçados e outros complementos de fantasia, caso fique claro que a proposta original contasse com tal elemento (LIESA, 2022a, p.47). No entanto, é orientado que não se leve em consideração, no julgamento do quesito, a “presença de desfilantes com a genitália à mostra, decorada e/ou

⁵⁷Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 10 de novembro de 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ RESULTADO oficial carnaval 2022. LIESA. Disponível em: <<https://liesa.globo.com/carnaval/resultado-oficial.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

pintada” (LIESA, 2022a, p.47). A prova que o julgador seguiu à risca a orientação do regulamento é o fato de que Paulo Paradela, que responde por Fantasias e esteve posicionado no módulo 1, em que Mayara ficou com a genitália desnuda, apontou nas justificativas⁶⁰ de seu 9,7 concedido à Tuiuti a “ausência de criatividade”, narrando repetições de fantasias: nada relacionado à roupa da princesa de bateria.

Isso ratifica a observação de Maria Laura Cavalcanti de que nem todos os elementos estéticos e formais que, de alguma maneira, são importantes ao desfile estão abarcados por quesitos, como é o caso das passistas ou das rainhas de bateria (CAVALCANTI, 1994, p.47) ou das princesas de bateria, cargo ocupado por Mayara Lima na ocasião.

4.2 Presença incessante nos jornais

Roberto DaMatta recorre a outro autor para apontar que o carnaval é “a glorificação das coisas que ocorrem da cintura para baixo”, de maneira a se opor ao mundo burguês, de repressão e hierarquias, em que a alma tem “hipócrita primazia” (BAJTIN, 1974 apud DAMATTA, 1997, p.117).

Mas, na prática, mesmo que as notas do quesito Fantasias não penalisassem Mayara Lima, a roupa da princesa de bateria gerou dor de cabeça até o final da apuração deste carnaval. Depois de perder dois décimos por ultrapassar dois minutos do tempo estipulado de até 70 minutos de desfile atendendo o que determina o regulamento (LIESA, 2022b, p.7), a Paraíso do Tuiuti corria o risco, ainda, da perda de mais cinco décimos devido à genitália desnuda, conforme também prevê o regulamento (LIESA, 2022b, p.8).

Adversária direta da Tuiuti na disputa contra o rebaixamento para a Série Ouro, a São Clemente entrou com recurso e, durante a leitura das notas, o presidente e locutor da leitura de notas Jorge Perlingeiro anunciou que seria analisado o recurso ao fim da apuração. Imagine o tamanho do prejuízo de, ao todo, ter descontado quase um ponto. Só que a diferença entre as escolas foi de 2,7 pontos, o que de nada adiantaria conseguir a punição à co-irmã. Por isso, o presidente retirou o recurso⁶¹ e o resultado final⁶² rebaixou a São Clemente, última colocada com 263,7 pontos, o que salvou a Tuiuti da queda, sendo a penúltima com 266,4.

⁶⁰ JUSTIFICATIVA dos jurados — Paulo Paradela, Fantasias, sábado 23/04/2022. **Liesa**. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/downloads/carnaval/justificativas/paulo-paradela-fantasias.pdf>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁶¹ TRINDADE, F. Rebaixada, São Clemente desiste de recurso contra genitália desnuda de princesa de bateria da Tuiuti. **Extra**, 26 abr. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/carnaval/rebaixada-sao-clemente-desiste-de-recurso-contra-genitalia-desnuda-d-e-princesa-de-bateria-da-tuiuti-25490590.html>>. Acesso em 6 nov. 2022.

⁶² RESULTADO oficial carnaval 2022. **Liesa**. Disponível em: <<https://liesa.globo.com/carnaval/resultado-oficial.html>>. Acesso em 2 nov. 2022.

Mesmo com a transmissão oficial da TV Globo⁶³, não foi noticiado durante os 64 minutos de exibição do desfile da Paraíso do Tuiuti qualquer menção aos problemas com as fantasias da princesa e da rainha de bateria da agremiação..

E caso o fizesse, um outro fator influenciaria na maneira como o público receberia a informação. Se o jornalismo deve estar preocupado com a atualidade do fato, o início da apresentação da Paraíso do Tuiuti não foi transmitida simultaneamente, apenas reprisada ao fim dos outros cinco desfiles, ao amanhecer, conforme sinalizaram os apresentadores Alex Escobar e Maju Coutinho.

O “boa noite” ao público aconteceu com 62% da apresentação da escola já tendo acontecido, já que esta se deu com 72 minutos, enquanto a transmissão ao vivo começou aos 47 minutos. Sem citar os problemas de fantasia, Mayara foi ovacionada ao aparecer em tela pela equipe de transmissão da TV Globo. Enquanto Milton Cunha soltou um “Dá-lhe, Mayara!” e Pretinho da Serrinha um “Explodiu!”, ambos comentaristas, a apresentadora Maju Coutinho pontuou para o público que Mayara Lima era a “princesa de bateria que viralizou”. No momento em que a câmera focou em Mayara e foi possível perceber os detalhes de sua fantasia, inclusive a calcinha vestida por ela para não desnudar sua genitália, Milton Cunha acrescentou: “Pedras multicoloridas no maiô, linda!”. Nenhuma menção aos problemas no primeiro módulo. Da mesma forma à rainha Thay Magalhães, apenas com creditação a ela ao aparecer em tela, sem falar do incidente com a parte de cima de sua vestimenta.

Esse “delay” — em que a transmissão da apresentação primeira escola, para se encaixar à grade de programação, acontece apenas ao amanhecer, ao fim do desfile das co-irmãs, em forma de reprise — valoriza a presença da equipe de repórteres do O Globo e do Extra in loco na Avenida.

A televisão foca no espetáculo. Por isso que, quando eu vou cobrir, não me apego ao desfile. A função do jornal lá é ir no bastidor, com o seu repórter, ir no micro. A transmissão é o macro. O repórter, de jornal e de rádio, tem que ir no micro. Microuniversos dentro de um desfile, como foi o caso da princesa. Ali era um desfile só delas duas — Thay e Mayara —, brigando numa história que teve esse acidente. Isso nunca vai ser mostrado na transmissão, e, se fosse, não tem como se dedicar a isso (TRINDADE, 2022)⁶⁴

Isso corrobora com a credibilidade jornalística, que, de acordo com Muniz Sodré

⁶³ PARAÍSO do Tuiuti - Grupo Especial (RJ) - Íntegra do desfile de 23/04/2022. **Globoplay**, 23 abr. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10513233/>>. Acesso em 13 nov. 2022.

⁶⁴ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 10 de novembro de 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

(2012, p.47) está ligada ao lugar privilegiado do profissional como mediador entre a cena do acontecimento e a sociedade. Esse papel é definido como “histor”, em referência a como o grego antigo definia a testemunha, como sendo aquela pessoa que, por ter visto o acontecimento, tinha o direito de narrá-lo (SODRÉ, 2012, p.47). Flavio Trindade, diante de entrevista dada a outro veículo por Mayara Lima ao fim do desfile, negando que teria tido fantasia arreventada, colocou esse conceito em prática: “Eu e o Domingos [Peixoto, fotógrafo da Agência O Globo] vimos que arreventou” (TRINDADE, 2022)⁶⁵, afirmou.

O repórter Flavio Trindade valorizou, em sua reportagem⁶⁶ sobre o desfile, o entrosamento entre a princesa Mayara Lima e a rainha Thay Magalhães, visto o histórico conturbado e polêmico do pré-carnaval. No entanto, foi a fantasia de ambas que roubou a cena do desfile, como já citado neste artigo, o que a matéria sinalizou ser “passível de punição para a agremiação”⁶⁷, em referência à genitália desnuda de Mayara Lima.

A partir de valores-notícia, é possível compreender o porquê de o assunto ter se transformado em notícia. Fabiane Barbosa Moreira (2014, p.166) elaborou uma tabela em que elenca os valores-notícia — abaixo da política editorial do veículo — como atualidade/ineditismo, importância, emoção/dramaticidade, entretenimento, suspense, excepcionalidade, conflito/controvérsia, negatividade, proximidade e interesse público/social. E a fórmula para que a presença deles resulte em alguma matéria pode ser explicada pelo princípio da aditividade, em que quanto mais valores notícias forem apontados no evento, maior é a probabilidade do assunto se transformar em notícia (GALTUNG; RUGE, 1965 apud SATUF, 2014, p.321).

No caso de Mayara Lima, a partir da definição dada por Moreira (2014, p.166-169), pode-se identificar alguns dos fatores predominantes no destaque dado às notícias relacionadas à genitália desnuda. A constatação de que a fantasia de Mayara tinha dado problema se encaixa em “atualidade”, já que o fato estava acontecendo naquele momento, além de “ineditismo”, visto que a notícia não tinha sido publicada por veículo algum, ou, pelo menos, não na transmissão televisiva. Outro fator é a “excepcionalidade”, afinal, é um fato incomum, de maneira que, quando ocorre, ganha repercussão, assim como “extraordinário/sensacional”, que está dentro desse guarda-chuva, pois exacerba aquilo que já

⁶⁵ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 10 de novembro de 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

⁶⁶ TRINDADE, F. Corte da Tuiuti surpreende com sintonia entre Rainha e Princesa, mas acidentes com fantasias atrapalham. **O Globo**, 23 abr. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/corte-da-tuiuti-surpreende-com-sintonia-entre-rainha-princesa-mas-acidentes-com-fantasias-atrapalham-25486912>>. Acesso em 2 nov. 2022.

⁶⁷ Ibidem.

é insólito. Em “importância”, entende-se a notoriedade da pessoa envolvida, um fenômeno do carnaval, a princesa Mayara Lima que, como mostramos, não saiu dos holofotes; além de projetar suas consequências, visto que poderia impactar na nota final da escola. Com o decorrer da semana, entra em cena a “negatividade”, levando em conta a falha e a possibilidade de ter se cometido uma infração. Mayara Lima também teve destaque por “conflito/controvérsia”, que antes se dava pela disputa do trono com Thay Magalhães e, na apuração, a polêmica esteve ligada à escola São Clemente, que entrou com recurso para tirar pontos da Tuiuti a partir dos problemas com as vestimentas de Mayara

Os critérios de noticiabilidade dependem de diversos fatores, como a quem o veículo pertence, quem é o público e as pessoas que o produzem. No entanto, a visão do jornalista depende de variáveis como as suas preferências pessoais (MOREIRA, 2014, p.158).

Definindo-se (TRINDADE, 2022)⁶⁸ como “um cara brincalhão”, que sempre fez matérias descontraídas, inclusive no carnaval — de entrevistas com o sócio do jogador Vágner Love a colocar o microfone na frente de um cachorro que invadiu a Avenida, tentando entrevistá-lo —, pelos veículos por onde passou, destacando a BandNews FM, e os jornais O Dia e Meia Hora. Neste último, foi por cinco anos o responsável pela coluna “Gata da Hora”, página do jornal que apresentava fotos de mulheres, destacando-se os seus atributos físicos. No entanto, o seu olhar não foi preparado, na opinião do repórter, pura e simplesmente devido à coluna, a não ser que fosse algo que acontecesse subconscientemente. A contribuição do periódico é outra, na definição do que é notícia para um jornalismo popular:

O meu olhar é o do Meia Hora, que me ensinou que *jornalismo popular é sexo, futebol e tiro*. Eu vou para o Carnaval procurando sexo, futebol e tiro. Quando a fantasia dela arrebentou, já é o olhar do sexo. Não há nada mais feticioso do que uma nudez involuntária. A nudez involuntária você acessa em sites pornô, assim como a pornografia, que hoje em dia está mais do que acessível. No entanto, a nudez involuntária tem um fetiche: é a saia que o vento levanta, é a alça da blusa que arrebenta, é a calcinha que deixa uma “pepeca” de fora (TRINDADE, 2022, grifos nossos)⁶⁹

Essa estratégia não é novidade, segundo Marialva Barbosa: “crimes hediondos, incêndios retumbantes, catástrofes de todos os tipos e para todos os gostos” serviam para, a partir das sensações, se aproximar do público (BARBOSA, 2013, p.199). A autora também aponta que a transformação dos periódicos em imprensa de massa se dá justamente quando suas notícias levam a uma “resposta interpretativa baseada nas afetações que as narrativas

⁶⁸ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 10 de novembro de 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

⁶⁹ Ibidem.

constroem” (BARBOSA, 2013, p.199). A observação sobre o que é procurado pelo jornalismo popular, a partir da entrevista com Flavio Trindade, pode ter uma “cereja no bolo” ao permitir, a quem ler, ter acesso ao mundo de sonhos que sai das páginas rumo à imaginação criadora do leitor, conforme definição de Marialva Barbosa (2013, p.199).

Essa maneira de se construir a notícia pode ser corroborada pelo termo *infotainment*, objeto de estudo de Itania Maria Gomes, pela perspectiva da televisão, mas que pode ser comparado ao caso da genitália desnuda. A autora se refere ao embaralhamento das fronteiras entre a informação e o entretenimento⁷⁰. Se as estratégias de contar as histórias podem se dar de maneira dramática ou excitante, para atrair o público (GOMES, 2009, p.7), isso pode ser visto nesse jornalismo popular citado por Flavio Trindade. A autora ressalta, no entanto, que há diferença entre esse nicho do jornalismo e o *infotainment*: este vai além da busca pela audiência em si, mas traz consigo outras questões, como a cisão entre cognição e percepção, conhecimento e sensibilidade (GOMES, 2009, p.9).

No carnaval deste ano, foram ao menos oito matérias veiculadas pelos sites dos jornais O Globo e Extra entre o desfile e a apuração. A lógica de produção conjunta vem desde 2017⁷¹, quando a redação passou a ser integrada, entre os dois veículos e o Expresso⁷², com o intuito de consolidar a produção de conteúdo multimídia.

O Globo e Extra, além de destacarem o momento do desfile e analisarem a apresentação como um todo da Paraíso do Tuiuti, divulgaram entrevistas com Thay Magalhães e Mayara Lima, em um suíte dos acontecimentos da Avenida naquele 23 de abril. A princesa, por sua vez, afirmou⁷³ não haver genitália desnuda, ao justificar ter vestido uma calcinha assim que a fantasia arrebentou; ao mesmo tempo em que se demonstrava preocupada com possível penalização à escola da samba na apuração.

A presença de Mayara nas edições impressas dos jornais, no entanto, deu-se de

⁷⁰ O entretenimento pode ser visto como um valor das sociedades ocidentais que visa o lucro e a ampliação dos consumidores, por meio de estratégias de produção, circulação e consumo, que buscam atrair a atenção de seu público (GOMES, 2009, p.7).

⁷¹ O GLOBO, EXTRA e EXPRESSO se integram em uma redação multimídia. **O Globo**, 29 jan. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-extra-expresso-se-integram-em-uma-redacao-multimidia-20840004>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

⁷² O periódico deixa de circular em 15 de novembro de 2022, sendo absorvido pelo Extra, que passa a concentrar o jornalismo popular da Editora Globo. O Extra, por sua vez, passa a ser vendido a R\$ 1 — em vez de R\$ 2 — por tempo limitado, se aproximando aos R\$ 0,90 do Expresso. Para mais detalhes: O melhor do EXPRESSO vai estar agora no EXTRA. **Extra**, 2 nov. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/o-melhor-do-expresso-vai-estar-agora-no-extra-25602350.html>>. Acesso em 13 nov. 2022.

⁷³ SERRA, P. ‘Não existe genitália desnuda’, garante princesa de bateria da Paraíso do Tuiuti após acidente com fantasia. **O Globo**, 26 abr. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/noticia/2022/04/nao-existe-genitalia-desnuda-garante-princesa-de-bateria-da-paraíso-do-tuiuti-apos-acidente-com-fantasia-1-25490443.ghtml>>. Acesso em 13 nov. 2022.

maneiras diferentes. No O Globo, Mayara Lima ganhou destaque basicamente por duas vezes entre os dias 23 de abril, data do desfile da Paraíso do Tuiuti, e o dia 27 do mesmo mês, edição que destacaria o resultado da apuração, ocorrida na véspera. Na edição de 23 de abril, ela era destaque da coluna do Ancelmo Gois⁷⁴, com foto dela na primeira página do O Globo, acima da logomarca do jornal. Dentro da edição, na página 21, sua foto estava em destaque, ocupando boa parte do espaço dedicado à coluna: “A princesa dos milhões”, destacava a manchete, em referência ao vídeo viralizado, com a expectativa do desfile marcado para aquela noite. Já no dia 24, Mayara aparecia no caderno especial⁷⁵ de carnaval: no pé da página, ao lado de sua foto segurando a fantasia na parte em que arrebentou, o título destacava o biquíni rasgado e a coroa devolvida, em referência à renúncia de Thay Magalhães ao cargo de rainha. Mayara só voltou a ser citada, ainda que sucintamente, na edição do dia 27, em uma matéria no pé da página 26 que dava conta do rebaixamento da São Clemente⁷⁶: com três pontos atrás da Tuiuti e na última colocação, a preto e amarela de Botafogo desistiu de recurso, que seria “para que a concorrente perdesse pontos porque o biquíni da princesa de bateria arrebentou”.

Já no Extra, ao contrário do O Globo, não foi feita uma espécie de anúncio ao desfile que aconteceria na noite do dia 23 de abril, porém foram quatro edições seguidas com o nome de Mayara Lima em suas páginas. No dia 24, ela aparecia já na primeira página da edição: “Fantasia rasga e princesa da Tuiuti quase fica na mão”⁷⁷. Na página 3 do caderno de carnaval, um dos tópicos em destaque era a única menção — sem qualquer foto das protagonistas do incidente — às fantasias: “Acidentes — Thay Magalhães, rainha de bateria, teve problemas com sua fantasia e ficou com o seio direito à mostra. A princesa Mayara Lima arrebentou a fantasia, e foi preciso achar uma calcinha às pressas.”⁷⁸ Já no dia 25, a página 9 do caderno de carnaval do Extra destacava problemas da apresentação da Paraíso do Tuiuti, como ter estourado o tempo e problemas na evolução, sem referências à fantasia, que ficou para duas páginas depois⁷⁹: intitulada como “O que ninguém contou sobre os bastidores da Sapucaí”, a matéria destaca que além “da calcinha que arrebentou em pleno desfile”, a

⁷⁴ GUIMARÃES, A. C. A princesa dos milhões. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano XCVII, nº. 33401, 23 abr. 2022, p.21.

⁷⁵ UM biquíni que rasga e uma coroa devolvida no reinado da Tuiuti. Caderno Carnaval 2022, p.3 *In: O Globo*, Rio de Janeiro, ano XCVII, nº33.402, 24 abr. 2022.

⁷⁶ COSTA, J. V. São Clemente, com enredo sobre Paulo Gustavo, desce. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano XCVII, nº32.405, 27 abr. 2022, p.26.

⁷⁷ FANTASIA rasga e princesa da Tuiuti quase fica na mão. **Extra**, Rio de Janeiro, ano XXV, nº9.375, 24 abr. 2022, p.1.

⁷⁸ O ritual pop da Tuiuti. Sapucaí, p.3. *In: Extra*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº9.375, 24 abr. 2022.

⁷⁹ O que ninguém contou sobre os bastidores do carnaval. Sapucaí, p.11. *In: Extra*, ano XXV, nº9.376, 25 abr. 2022.

fantasia de Mayara chegou com atraso à Avenida. A princesa foi vista “desesperada, sem ter como vestir sua fantasia, que chegou com atraso e com as sandálias arreventadas”, pedindo ajuda a qualquer um que passasse. No dia 26, foi a vez da matéria de Flavio Trindade, que trataremos ainda neste capítulo, sobre a investigação do marido da princesa sobre os problemas na vestimenta, que dividiu espaço com a tabela dos quesitos de apuração, marcada para a tarde daquele dia, na página 4⁸⁰. Após a apuração, no dia 27, foi a vez de destacar, no canto da página 6⁸¹ que a fantasia de Mayara Lima “deu pano pra manga” durante a apuração: a matéria contava sobre o recurso da São Clemente, negado pela Liesa.

O que pode explicar maior espaço no Extra impresso do que no Globo é que os valores-notícia variam de acordo com os fatos noticiados, mas, também, por conta da categoria editorial do veículo de comunicação (SODRÉ, 2012, p.21). Quanto ao período que contou com a presença incessante de Mayara Lima nas manchetes de O Globo e Extra, Muniz Sodré (2012, p.94) aponta que as notícias têm um ciclo, cuja duração varia, a depender do valor jornalístico atribuído ao fato. Mesmo com a lógica de integração⁸² das redações, a identidade de cada marca foi mantida, assim como a dedicação a temas e enfoques diferentes, fato que ajuda a explicar a diferença entre as maneiras como foi explorado o carnaval por cada um dos veículos.

Esse processo também pode ser entendido por meio do enquadramento midiático, que seleciona, enfatiza e apresenta — logo, se constrói — o acontecimento (SODRÉ, 2012, p.38). Mayara Lima e a genitália desnuda precisaram, assim como todo processo de produção de memória, de um trabalho de enquadramento, que também é de seleção (POLLAK, 1989 apud RIBEIRO, 2003, p.95). Entende-se, entretanto, que a História perdeu o papel central nessa construção de memória oficial, lugar esse ocupado, com advento das tecnologias de comunicação, pela mídia, considerado o principal lugar de memória e história das sociedades contemporâneas (RIBEIRO, 2003, p.97).

A escolha dessas pautas pode ser dada de diversas maneiras, mas Muniz Sodré aponta que o número de visitas a um determinado site — o que pode ser comprovado pelos “cliques” — pode estabelecer uma pauta (SODRÉ, 2012, p.100). Sabendo por meio de fontes que o marido de Mayara Lima, Renan Marins, “estava irascível”, sem ter ninguém falando “em on”,

⁸⁰ TRINDADE, F. Sem tapa-sexo: marido manda apurar. **Extra**, ano XXV, nº9.377, 26 abr. 2022, p.4.

⁸¹ GENITÁLIA ainda deu pano pra manga na apuração. **Extra**, ano XXV, nº9.378, 27 abr. 2022, p.6.

⁸² O GLOBO, EXTRA e EXPRESSO se integram em uma redação multimídia. **O Globo**, 29 jan. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-extra-expresso-se-integram-em-uma-redacao-multimidia-20840004>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

Flavio Trindade (2022)⁸³ garante que o suíte foi inspirado em Nelson Rodrigues: “fiz uma pincelada rodriguiana: a mulher ficou nua, o marido viu aquilo e quer saber o porquê da mulher nua em público [...] É um texto construído no fetiche, para gerar clique”⁸⁴. Desta maneira, elaborou “Marido de Princesa da Tuiuti manda apurar acidente com fantasia que deixou genitália à mostra na Avenida”, matéria publicada nos sites dos jornais O Globo⁸⁵ e Extra⁸⁶ em 25 de abril.

A redação da Editora Globo faz, mensalmente, uma seleção das matérias produzidas naquele período para poder fazer uma espécie de premiação, como reconhecimento ao trabalho da equipe dos jornais O Globo e Extra. Em abril de 2022, a cobertura sobre a fantasia da Princesa da Tuiuti recebeu o reconhecimento de impacto digital do O Globo, por alcançar a ordem de grandeza do milhão de *pageviews*.

Ao término do desfile, a então rainha de bateria Thay Magalhães renunciou ao cargo de rainha⁸⁷, alegando que nem quando enveredou pela política foi “tão escorraçada”, precisando, inclusive, de acompanhamento psicológico devido a ataques que vinha sofrendo pelas redes sociais. Ela se referia ao ano de 2020, em que candidatou-se à prefeitura de Mesquita, na Baixada Fluminense, como “Doutora Thay”⁸⁸ pelo PSDB, mas não foi eleita.

Por sua vez, Mayara Lima foi anunciada⁸⁹ como dona da coroa da Paraíso do Tuiuti no mês seguinte ao desfile, sendo ela a assumir o posto máximo do reinado à frente da bateria da Tuiuti no carnaval 2023. De olho no próximo carnaval, já em outubro deste ano, a escola de São Cristóvão definiu⁹⁰ qual será o samba enredo a embalar sua apresentação em 2023, momento em que a cerimônia de coroação de Mayara Lima como rainha foi realizada. A noite

⁸³ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 10 de novembro de 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

⁸⁴ Ibidem.

⁸⁵ TRINDADE, F. Marido de Princesa da Tuiuti manda apurar acidente com fantasia que deixou genitália à mostra na Avenida. **O Globo**, 25 abr. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022/marido-de-princesa-da-tuiuti-manda-apurar-acidente-com-fantasia-que-deixou-genitalia-mostra-na-avenida-1-25488479>>. Acesso em 13 nov. 2022.

⁸⁶ TRINDADE, F. Marido de Princesa da Tuiuti manda apurar acidente com fantasia que deixou genitália à mostra na Avenida. **Extra**, 25 abr. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/carnaval/marido-de-princesa-da-tuiuti-manda-apurar-acidente-com-fantasia-que-deixou-genitalia-mostra-na-avenida-25488493.html>>. Acesso em 13 nov. 2022.

⁸⁷ ‘PARA mim, já deu’, diz rainha da Tuiuti. Sapucaí, p.11. In: **Extra**, ano XXV, nº9.375, 24 abr. 2022.

⁸⁸ DOUTORA Thay. **Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais / TSE**. Disponível em: <<https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/2020/2030402020/58467/190000895816>>. Acesso em 13 nov. 2022.

⁸⁹ MAYARA Lima é a nova Rainha de Bateria da Paraíso do Tuiuti. **O Globo**, 14 mai. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/05/mayara-lima-e-a-nova-rainha-de-bateria-da-paraíso-do-tuiuti.ghtml>>. Acesso em 6 nov. 2022.

⁹⁰ RIBEIRO, G. Carnaval 2023: escolas começam a definir nesta sexta-feira sambas que vão levar para Sapucaí. **O Globo**, 4 out. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/10/carnaval-2023-escolas-comecam-a-definir-sambas-que-voao-levar-para-sapucaí-nesta-sexta-feira.ghtml>>. Acesso em 13 nov. 2022.

também contou com a voz do novo intérprete: Wander Pires, que substitui⁹¹ Celsinho Mody. Os carnavalescos para 2023 também serão outros: Paulo Barros dá lugar a João Vitor Araújo e Rosa Magalhães. Esses rituais corroboram que o carnaval seguinte sempre começa assim que finda o desfile daquele ano: o calendário carnavalesco está sempre um ano à frente do calendário corrente, com tudo se convergindo para o seu desfecho festivo (CAVALCANTI, 1994, p.15).

⁹¹ SAI Celsinho, entra Wander Pires: Paraíso do Tuiuti sacode véspera de feriado. **SRzd**, 16 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/tuiuti-despede-celsinho-anuncia-wander-pires-interprete-oficial/>>. Acesso em 15 nov. 2022.

5 CONCLUSÃO

Foi possível, no decorrer deste trabalho de conclusão de curso, demonstrar como a fórmula do jornalismo popular, quando aplicada, pode colher frutos em qualquer veículo, mesmo que a lógica seja conquistar o público por meio de um título bem elaborado ou de uma capa de jornal que aumente as vendas. Como nos primórdios da imprensa, o carnaval foi utilizado como forma de alcançar um público maior, por meio das sensações que desde sempre atraíram o leitor, a partir daquilo que mexe com a sua imaginação, neste caso, com uma aparição involuntária do órgão genital na Sapucaí.

Também foi perceptível acompanhar que o povo, o mesmo visto muitas vezes como subalterno, enxergou nos processos que se utilizavam da cultura popular para, de algum modo, tirar vantagens a favor dos dominantes, maneiras de resistir e ocupar cada vez mais espaços na sociedade, a partir da lógica de produção do samba e das apresentações das escolas de samba. Um século depois de quando tudo começou, mesmo que com ambiente muito mais mercadológico e propício à celebritização, o povo foi justamente a primeira instância a pedir pela alteração no posto de rainha de bateria da Paraíso do Tuiuti, em prol de alguém “da comunidade”: a aclamação teve êxito ao fim do desfile, com a renúncia de Thay Magalhães do posto de rainha de bateria, que passou a ser ocupado por Mayara Lima.

Sob os olhares atentos de sua comunidade, a então princesa Mayara Lima viralizou a partir de um vídeo no Instagram e passou a estar também sob os holofotes de todas as mídias. Desde então, ela passou a ganhar espaço em programas televisivos e, sobretudo, na cobertura do carnaval, seja o televisionado e, especialmente, da mídia digital/impressa, que dedicou um repórter a acompanhar esse “microevento” em meio a toda apresentação, de alas, alegorias e milhares de outros personagens e possibilidades de histórias serem contadas.

Deste modo, o capítulo anterior dedicou-se a percorrer a produção do noticiário, com várias nuances, desde a pura e simplesmente atualização de uma polêmica existente desde o pré-carnaval 2022, a um olhar atento do repórter Flavio Trindade, ás do jornalismo popular, experiente em coberturas carnavalescas — foram dez até hoje —, que percebeu que o problema de fantasia era uma notícia com potencial de atrair leitores, em momento que outras possibilidades — essas bem menos chamativas — pipocaram na sua cabeça.

Experiente de um tempo em que fazia-se jornalismo por uma capa que gerasse venda massiva nas bancas de jornal, o jornalista precisou mudar suas estratégias e adaptar-se ao novo mercado. Por isso, foi necessário escolher a expressão correta, que gerasse mais cliques: uma missão bem sucedida, visto a repercussão dada ao caso e o número de leitores

alcançados, além de uma intensa propagação do evento, com vários suítes.

Esse novo cenário foi colocado em análise, debatendo as diferenças entre a produção para as multtelas, em que a produção do Extra e O Globo é a mesma, em comparação às respectivas edições impressas, que dão enfoque e destaque de maneira diferente para um mesmo assunto, além de debater outras nuances, como o tempo de duração de uma notícia e novos fatores determinantes para que algo seja considerado um assunto que mereça destaque na mídia.

A partir do material veiculado pelos jornais O Globo e Extra, foi perceptível percorrer os valores-notícia determinantes para que Mayara Lima se mantivesse nos holofotes, mesmo passado o período de sua viralização como a princesa de bateria que sambava em sincronia com os integrantes da bateria da Paraíso do Tuiuti.

Foi visível também, diante do material analisado, ver, na prática, a aplicação de conceitos da academia, como o de “histor”, adotado por Muniz Sodré para aqueles que testemunham a história e, por isso, têm o direito de contá-la, da mesma forma que o “jornalismo de sensações”, de Marialva Barbosa, que pôde ser ilustrado a partir do que Flavio Trindade entende como jornalismo popular.

Todos esses tópicos se deram, sobretudo, embasados nas regras do desfile, com resgate das exhibições que deram origem a eles, porém sem ter finalidade fazer um debate de questões morais, de determinar se os acontecimentos seriam certos ou errados. Apenas foi mostrado de que maneira eles poderiam interferir no resultado, como foram combustível para as manchetes de jornal, mesmo que não televisionadas durante a transmissão oficial dos desfiles, que caberia um trabalho à parte dedicado ao que é ou não mostrado nesses eventos televisivos.

E a Paraíso do Tuiuti, que permaneceu no Grupo Especial pela segunda edição seguida a uma posição do rebaixamento, pode olhar para frente — no raciocínio de que um carnaval já se inicia quando se finda o anterior — tentando colocar em prática o raciocínio de Luiz Antonio Simas, de que se faz festa é pela dificuldade da vida. Em vez de abatimento com a colocação ruim, isso serve de combustível: sem as alegrias, ninguém segura o rojão.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBOSA, M. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CAVALCANTI, M. L. V. C. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ/Funarte, 1994.

BRUNO, L.; BARBOZA, J. **Zeca: Deixa a vida me levar**, Sambabook Zeca Pagodinho. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2014.

COUTINHO, E. G. **Os cronistas de momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EXTRA. Disponível em: <<https://extra.globo.com/>> . Acesso em 13 nov. 2022.

GOMES, I. M. M. O infotainment na televisão. *In: ANAIS DO 18º ENCONTRO ANUAL DA COMPOS*, 2009, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Campinas: Galoá, 2009. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2009/papers/o-infotainment-na-televisao?lang=pt-br>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

GUARAL, G. **O Estado Novo da Portela**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. M. Isso não é um filme? *In: HERSCHMANN, M; PEREIRA, C. A. M. (orgs.) Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contexto de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2003.

LOPES, N. **Dicionário da hinterlândia carioca: antigos “subúrbio” e “zona rural”**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

LIESA. **Manual do julgador: carnaval / 2022**. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/downloads/carnaval/manual-do-julgador-2022.pdf>>, acesso em 19 out. 2022.

LIESA. **Regulamento específico dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro: carnaval / 2022**. Disponível em: <<https://liesa.globo.com/downloads/carnaval/regulamento-2022.pdf>>. Acesso em 19 out. 2022.

MELLO, M. **O enredo do meu samba: a história de quinze sambas-enredo imortais**. Rio de Janeiro: Record, 2015).

MELLO, M. **Por que perdeu? Dez desfiles derrotados que fizeram história**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MOREIRA, F. B. Os valores-notícia em O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo. *In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (orgs.) Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicação*. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

O GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/>>. Acesso em 13 nov. 2022.

RIBEIRO, A. P. G. A mídia e o lugar da história. *In*: HERSCHMANN, M; PEREIRA, C. A. M. (orgs.) **Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contexto de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2003.

SATUF, I. **A rua manda notícias**: dispositivos móveis e manifestações sociais na atualização dos critérios de noticiabilidade. *Liinc em revista*. Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.317-329, mai. 2014. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3522>>, acesso em 27 out. 2022.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMAS, L. A.; FABATO, F. **Pra tudo começar na quinta-feira**: o enredo dos enredos. Rio de Janeiro: Mórula, 2015

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SODRÉ, M. **Samba, o dono do corpo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

7 APÊNDICE

APÊNDICE A - Entrevista com Flavio Trindade

Repórter temporário dos jornais O Globo e Extra no carnaval 2022, Flavio Trindade, mais conhecido como “Tiozão”, narra de que forma ficou de plantão cercado a corte da Paraíso do Tuiuti, a partir do ambiente conturbado criado com as polêmicas desde o pré-carnaval, na disputa entre Thay Magalhães, a rainha de bateria, e Mayara Lima, a princesa de bateria. Com várias possibilidades de notícia, os problemas com a fantasia logo saltaram aos olhos do repórter, que acompanhou o caso do desfile à apuração, quando a São Clemente desistiu do recurso para a penalização da Tuiuti pela nudez de Mayara. Concedida presencialmente no prédio da Redação Integrada, na Cidade Nova, Centro do Rio de Janeiro, na tarde do dia 10 de novembro de 2022, a entrevista de Flavio faz um panorama de como sua carreira jornalística o preparou para o acontecimento da “genitália desnuda” e como construiu as matérias sobre o caso.

João Vitor Costa Brito: Como foi até chegar a ser o responsável pela coluna “Gata da Hora”, no jornal Meia Hora?

Flavio Trindade: Para falar do do Meia Hora, eu tenho que falar um pouco da minha personalidade. Eu sempre fui um cara brincalhão, bem humorado. Onde eu chego, costumo me dar bem pela questão da piada. Inclusive acho que isso é política: Abrir portas no trabalho você abre e brincando com as pessoas conversando e tal. Isso é uma coisa que já vem até da personalidade da pessoa e por isso, quando eu enveredei pela carreira jornalística, isso acabou me empurrando sempre para as pautas descontraídas. Fazia também as coisas sérias, ainda mais no tempo de rádio [BandNews FM], mas quando tinha alguma coisa descontraída, sempre me usavam, falavam "bota o Tiozão [apelido de Flavio Trindade], ele é brincalhão, é bem humorado". E eu queria trabalhar com jornalismo esportivo, então no meu início eu fiz rádio — fiz a BandNews, talvez o meu melhor emprego, onde eu aprendi a ser repórter —, então fui trabalhar no Lance!.

JB: Qual área buscava?

FT: Ali era o lugar que eu queria estar: queria trabalhar com Esporte. Eu lembro que o editor era o Eduardo Tironi, que trabalhou na ESPN, ele gostou de mim no processo seletivo, fui o segundo colocado. Ele veio falar pessoalmente comigo: na reta final do processo seletivo, perguntava o porquê que você queria trabalhar com jornalismo esportivo, e ele gostou da

história que eu contei; que eu era militar, larguei tudo, com um salário de R\$ 2.500 para ir trabalhar ganhando R\$ 400. Depois fui trabalhar no Jornal dos Sports porque ainda queria trabalhar com Esporte, mas cobri o dia a dia de clube de futebol e comecei a enjoar: era tranquilo, fiz boas amizades lá, tive liberdade para escrever. No Lance! eu escrevia pouco, fazia muita matéria para o site, fazia muito "tempo real", que era chato, e atuações: odeio fazer isso; no JS, eu tive muita liberdade para escrever, aperfeiçoei muito o texto. Conforme fui enjoando assim do jornalismo esportivo, fiquei de focar só na rádio, porque eu ainda estava na BandNews, sempre fiz os dois — rádio e papel — ao mesmo tempo. Aí lá na Band News, eu acabei, em 2009, me envolvendo em alguns problemas e pedi demissão. Não estou querendo me gabar, não. Mas eu era o melhor repórter daquela época na rádio, o próprio [Ricardo] Boechat falava isso. Eu guardo o e-mail que ele me mandou até hoje quando eu pedi demissão. O Rodolfo Schneider me ligou, me convenceu a voltar a trabalhar e passei mais três semanas.

JB: E qual foi o seu destino depois da BandNews FM?

FT: Fui mandado embora em 31 de Março, e em maio o CQC [programa Custe o Que Custar, da TV Bandeirantes] fez o concurso do oitavo integrante. Eu fiz um vídeo com um amigo meu, que bombou graças ao Thiago Prado e um outro amigo, Daniel, que tinham contatos para caralho e fizeram aquilo viralizar no meio da galera, o vídeo ficou famoso e fui concorrer lá na fase final para o CQC. De bobeira assim, eu e um amigo falamos "vamos fazer essa porra aí", porque esse amigo achava que tinha uma veia artística. Ele queria me botar para fazer negócio de filmes aí fizemos esse vídeo, aí eu fui fazer um freela lá em São Paulo para o G1 e um dos amigos que viralizaram me arrumou e foi engraçado, que eu fui para lá com um mês ganhei R\$6.800. Achei que estava rico, aí gastei dois meses, que São Paulo é caro para caralho. Quando não renovaram o freela, tive que voltar. Quando eu voltei, o Humberto [Tziolas, atualmente diretor de redação do jornal Extra] era o chefe do Meia Hora e um amigo meu chamado Rafael mostrou esse vídeo [do CQC] para ele, que falou "Chama esse cara, que quero conversar com ele, vai se dar bem no Meia Hora, ele é engraçado".

JB: Como foi por lá?

FT: Novamente, fui contratado para a editoria de Esportes, e aquelas "paradas" de zoeira do Meia Hora era tudo comigo. E aí fiquei anos fazendo isso, era o repórter da brincadeira. Eu tentava migrar de editoria, mas não conseguia. Eu gosto de fazer aquelas paradas bem humoradas do Meia Hora, eu sei que eu tenho um jeito para aquilo. Mas, de novo, trabalhar

com esporte foi de novo me matando, me matando, me matando, me matando, e, apesar de eu gostar muito de lá, chegou em 2015, eu estava saturado de Esporte não iam me mudar de editoria. Eu falei que queria fazer um mestrado, que eu queria fazer outras coisas, eu estava eu tava de saco cheio de Esportes, não queria mais. Falei para os meus chefes que eu estava muito cansado, muito estressado, e achava melhor sair para não fazer mal para o ambiente, porque eu gostava muito de lá. Fiz um mestrado, depois fui trabalhar na prefeitura, cheguei a pensar em morar fora... Cheguei a fazer um freela para a Folha de São Paulo no carnaval.

JB: Enfim chegamos ao carnaval:

FT: Tanto na Band, como no O Dia e no Meia Hora, eu sempre cobri carnaval. É o que mais gosto de cobrir. Tenho isso desde garoto: sempre fui fascinado pelo desfile das escolas de samba, de ver pela TV, ou, quando era moleque, eu pegava ônibus com com o pessoal — sempre chamava o quem morava perto da minha casa, ou quem estudava comigo no período de faculdade — para ir ver o desfile do Setor 0, que é do outro lado do Canal do Mangue [da avenida Presidente Vargas, onde fica a concentração das agremiações que se preparam para entrar na Marquês de Sapucaí]. Ali assisti a desfiles memoráveis. Quando era criança, torcia para a Portela; depois passei a ser Beija-Flor, em 1989, por causa de "Ratos e Urubus... Larguem minha fantasia"; em 2004, quase mudei 100% de escola, por causa do desfile do Império Serrano, a reedição da "Aquarela Brasileira" [enredo vencedor em 1964, com samba escrito por Silas de Oliveira], que eu vi lá do outro lado do mangue. Apesar de eu não estar lá dentro, foi o maior desfile que eu já vi eu passando pelo Sambódromo: foi uma coisa que me fez torcer um monte. Hoje em dia eu torço muito pelo Império Serrano. Eu não sei dizer se eu sou Beija-Flor ou se sou Império Serrano.

JB: Mas como foram suas idas à Avenida já como repórter?

FT: A BandNews FM transmitia o desfile das escolas de samba de São Paulo, porque a matriz é lá, tinha mais gente, enquanto aqui era apenas uma praça, tinha pouca gente e pouco investimento. E aí eu fiquei botando pilha, "a gente tem que dar moral para o Carnaval do Rio", e eles fizeram uma parada meio incipiente no desfile daqui: mandaram um chefe de reportagem e um repórter, que não era eu, para a Avenida. Eles ficavam entrando de flash, muito de vez em quando, de madrugada.

JB: No meio da transmissão de São Paulo?

FT: Não, não porque o desfile do Rio é em dia diferente do de São Paulo. No meio da

programação entrava, ficava uns 10 minutos no ar, e eu ficava na redação fazendo matéria do desfile, vendo pela TV. Aí, em 2009, eu cheguei no Rodolfo [Schneider] e falei: “vamos fazer uma parada legal”. Sozinho, montei um projeto. Escrevi duas matérias sobre cada agremiação sobre a história da escola, sobre o desfile daquele ano, sobre a história do carnaval. Juntei três amigas, dividimos tantas matérias para cada um, fomos gravar, ficou um bagulho legal. Aí o Rodolfo mostrou para o pessoal de São Paulo, que gostou e falou “vamos transmitir o desfile das escolas de samba”.

JB: E como foi essa ida à Sapucaí pela Band?

FT: Fomos transmitir, eu fiquei como repórter principal andando para lá e para cá. Produzi vários memes. Teve um desfile de uma escola de samba, que não vou lembrar se foi Imperatriz, que um cachorro entrou na Avenida, no meio do desfile, eu me meti lá dentro do desfile e botei o microfone: entrevistei o cachorro. No dia seguinte, o Boechat ficou rindo horrores disso. Virou meme, todas as praças reproduziram.

JB: Mais algum acontecimento inusitado?

FT: A BandNews é muito séria e, na época, ela era ainda mais dura. O pessoal estava transmitindo de um jeito muito sério, enquanto eu entrava falando alto, zoando, aí o Rodolfo [Schneider] falou: “bota uns torcedores no ar”. Aí eu fui atrás de gringo. Peguei um francês maluco, eu fazia a tradução do cara com as coisas nada a ver que falava. O pessoal adorava isso daí.

JB: Falou da Band, mas e no O Dia e Meia Hora?

FT: Lá eu sempre fazia a concentração, porque eu acho que a concentração é onde acontece tudo. O que acontece na Avenida ou na dispersão, para mim, não interessa, porque já é resultado de problema que começou na concentração. E aí sempre me davam uma tarefa. Mas o negócio é buscar o diferente. Justamente por eu ser esse cara bem humorado, eu quero ir na parada engraçada. E, no O Dia, eu fazia muitas matérias de concentração de coisas totalmente fora de nexos. Uma vez quando o Vágner Love estava em alta no Flamengo, aparecia um sócio dele na concentração, que se apresentava como ele pegava várias mulheres. Desenrolava, dizia que era o Vágner Love, dava beijo e tal. Eu fiz os vendedores que furaram a grade para poder entrar na concentração para vender. Várias coisas bizarras, e isso aí já ficava me dando essa coisa de procurar algo diferente. Você também tem que saber onde vai dar problema.

JB: E assim chegou à fantasia da princesa?

FT: Quando eu fui chamado para trabalhar neste ano, pedi para trabalhar no carnaval, falei que queria fazer o desfile. Eu pedi também para fazer essa briga da princesa [de bateria Mayara Lima, com a rainha de bateria Thay Magalhães, ambas da Paraíso do Tuiuti], porque o pré eu também fiz, no próprio ensaio técnico. Alguma coisa ali ia ter. Aquele desfile não ia acontecer sem algo acontecer. Eu achava que seria mais com a outra, mas acabou sendo com a princesa, e não com a rainha. Tem coisas que é certo que não vai acabar bem, ali era algo previsto.

JB: Mas você imaginava antes que ia ser uma briga, não é?

FT: Uma troca de farpas, um esbarrão proposital, um tombo, uma possível sabotagem. Porque o carnaval é muito peculiar. É igual àquela novela, com situação absurda, que a gente fala “ah, isso não existe, isso é coisa de novela”, só que isso existe no carnaval: essa coisa da sabotagem, da fofoca, da casca de banana.

JB: Mas qual foi o seu olhar no dia, para perceber os problemas com a fantasia da Mayara Lima?

FT: O meu olhar é o do Meia Hora, que me ensinou que jornalismo popular é sexo, futebol e tiro. Eu vou para o Carnaval procurando sexo, futebol e tiro. Quando a fantasia dela arrebentou, já é o olhar do sexo. Não há nada mais fetichioso do que uma nudez involuntária. A nudez involuntária você acessa em sites pornô, assim como a pornografia, que hoje em dia está mais do que acessível. No entanto, a nudez involuntária tem um fetiche: é a saia que o vento levanta, é a alça da blusa que arrebenta, é a calcinha que deixa uma “pepeca” de fora.

JB: E como se deu a escolha dos títulos das matérias?

FT: Os títulos das principais matérias, eu fiz propositalmente. “Genitália desnuda” é um termo famoso de um livro, de uma música. Eu não inventei “genitália desnuda”, mas a nudez involuntária gera clique, e quando eu vim fazer freela aqui [nos jornais O Globo e Extra], já é um jornalismo voltado para o clique. O jornalismo do Meia Hora era voltado para página. Então eu até demorei a perceber isso. Se eu estivesse no Meia Hora, eu não usaria “genitália desnuda”, não usaria as mesmas expressões, mas aqui é no clique. O que gera clique é uma expressão. Usei o termo assim que a fantasia dela arrebentou, mandei um WhatsApp: “Gente, temos genitália desnuda na Avenida”.

JB: Você acompanhou o desfile da Tuiuti do início ao fim? Tinha outras manchetes na cabeça?

FT: Nesse dia eu pensei que o grande mote seria o atraso da Mayara, porque ela chegou atrasada. Foi o contrário do ensaio, em que a rainha chegou atrasada e a princesa entrou sozinha; no desfile, a rainha entrou sozinha porque a princesa chegou atrasada. Eu tinha que fazer uma matéria, quando o [Rafael] Galdo [coordenador da equipe de carnaval na Sapucaí] ia me escalar para outra coisa, eu pedi para ficar na princesa e na rainha. Ele deixou. Tanto é que a minha matéria, se a Mayara não tivesse chegado, seria “princesa atrasa, a rainha brilha sozinha”, ou então, como elas estavam desfilando bem, trocando olhares, podia ser algo tipo “paz na Corte na Avenida”. Ia ser uma parada bem sem sal, mas aí arrebentou a fantasia.

JB: Gostaria de entender como foram as decisões pelo suíte:

FT: Teve a primeira matéria, no dia do desfile, e já bombou. A chefia falou que precisávamos de uma suíte, mas eu tinha um problema: a princesa não queria falar. Eu soube que o marido dela estava irascível, mas eu não tinha ninguém falando em on. Ao mesmo tempo, eu ainda tinha pauta do dia e precisava ir para a rua. Eu não tinha nada, ao mesmo tempo em que me falavam que a princesa estava com raiva porque não teria arrebentado coisa nenhuma

JB: E como quem estava lá no dia, você viu?

FT: Eu e o Domingos [Peixoto, fotógrafo da Agência O Globo] vimos que arrebentou. Sendo que o G1 subiu uma matéria em que a princesa dizia não ter arrebentado. Ficou meio que eu contra o G1, aí eu cacei no Twitter o vídeo que ela gira, sente que arrebentou e tampa. Eu mostrei: “gente, se não arrebentou, o que ela está tampando?”. Voltando ao suíte, eu continuava sem ninguém falando em on. Quando me falaram dela e do marido, me veio outro fetiche em mente.

JB: Qual?

FT: Nelson Rodrigues! Nelson Rodrigues sempre vai chamar público, aquela coisa do beijo no asfalto. Eu, quando vi essa peça, aprendi muito sobre jornalismo. Pode parecer ridículo, o cara fazendo carnaval e pensando em Nelson Rodrigues. Mas, sim, fiz uma pincelada rodriguiana: a mulher ficou nua em público, o marido viu aquilo e quer saber o porquê da mulher nua em público: “Marido manda investigar genitália desnuda”. Não tem nenhum on, ali é puro Nelson Rodrigues. É um texto construído no fetiche, para gerar clique. É muito

legal de você ver como buscar a notícia utilizando a literatura.

JB: Você acha que seu olhar estava direcionado devido ao “Gata da Hora”?

FT: Eu fui responsável por uns cinco anos pela “Gata da Hora”, não vou te dizer que tem alguma relação. Se tiver, é subconsciente. Eu não sei te explicar, mas consciente eu acho que não. Porque eu acho que ali tem mais olhar do carnaval, do que outra coisa. Uma das memórias mais antigas que eu tenho do carnaval é a nudez do [ator Jorge] Lafond, no alto do carro da Beija-Flor com o pênis balançando. Então, quer dizer, desde então, eu tenho essa memória de que nudez no carnaval é um clássico. Por isso eu volto a Nelson Rodrigues: toda nudez será castigada. Nelson Rodrigues e carnaval têm tudo a ver.

JB: Por fim, gostaria de falar da transmissão televisionada. Você já a viveu como espectador e o outro lado, de quem vê o desfile ao vivo. Acompanhando a transmissão desse ano, não há menção, durante o desfile da Tuiuti, à genitália desnuda. Isso valoriza o seu trabalho in loco?

FT: A televisão foca no espetáculo. Por isso que, quando eu vou cobrir, não me apego ao desfile. A função do jornal lá é ir no bastidor, com o seu repórter, ir no micro. A transmissão é o macro. O repórter de jornal e de rádio, tem que ir no micro. Microuniversos dentro de um desfile, como foi o caso da princesa. Ali era um desfile só delas duas — Thay e Mayara —, brigando numa história que teve esse acidente. Isso nunca vai ser mostrado na transmissão, e, se fosse, não tem como se dedicar a isso.